

**Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico – O fazer música nos caminhos da (para a) inclusão**

**Marco Paulo Sampaio Fernandes**

*Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico*

**Orientador**

Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso

**Bragança**

**2022**



**Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico - O fazer música nos caminhos da (para a) inclusão**

**Marco Paulo Sampaio Fernandes**

*Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico*

**Orientador**

Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso

**Bragança**

**2022**



Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, de acordo com o disposto no Artigo 10.º das Normas Regulamentares dos Mestrados do Instituto Politécnico de Bragança, de 02 de Fevereiro de 2018, sob orientação científica do Professor Doutor Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso, Professor Adjunto do Departamento de Educação Musical da Escola Superior de Educação.



## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, irmãos e avós!*



*“A arte mais nobre é a de fazer os outros felizes”*

*P.T. Barnum*



## AGRADECIMENTO

Este relatório marca o fim de uma caminhada muitas vezes cheia de obstáculos. Contudo, marca também o fim de um percurso que tanta alegria me trouxe nesta cidade dos “Amigos para sempre”. Agradeço a todos aqueles que fizeram parte deste percurso incrível, em especial:

Aos meus pais, que apesar de não ser o caminho que eles tinham idealizado para mim, com muito esforço e sacrifício sempre me apoiaram e nunca deixaram que nada me faltasse.

Aos meus irmãos que apesar de todas as dores de cabeça, sempre foram o meu porto de abrigo e a minha fonte de força e dedicação.

Aos meus avós que com o seu jeito de ser, sempre me apoiaram e ajudaram em tudo que podiam.

À Sara por todo o companheirismo, incentivo e apoio.

Aos meus padrinhos e ao meu primo Tiago pela sua espontaneidade e por todas as risadas arrancadas.

Aos meus primos Letícia, Fábio, Carina e Nádia por serem as pessoas que serviram de exemplo a seguir e a toda a minha família materna por todo o apoio e auxílio.

À Carina e à Carla que estão lá desde sempre e para sempre.

À Maria, ao Simão, à Joana e à Beatriz por tantas aventuras vividas.

À Banda Musical de Carragedo de Montenegro e ao professor Maurício Costa que além de serem a minha segunda família, são a principal razão de ter seguido este caminho.

Ao meu orientador, o professor Doutor Mário Cardoso por todos os ensinamentos, conselhos, incentivo e dedicação no decurso deste processo.

A todo o corpo docente por todos os ensinamentos transmitidos.

Ao professor Alcino Barros por nos ter acolhido de braços abertos nas suas turmas e aos meus alunos de sexto ano que sem dúvida tiveram um papel fulcral na elaboração deste relatório e a vocês, o meu muito obrigado!

À Lili e ao Pedro por todo o suporte e ajuda, por todos os cafés, por toda a partilha de conhecimento e sobretudo, por todas as risadas e companheirismo nestes cinco anos.

A todos os meus amigos e família da terra dos Amigos para Sempre.



## RESUMO

O presente relatório elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, integrado no plano curricular do curso de Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, tenciona apresentar de forma reflexiva e contextualizada, uma série de experiências de ensino-aprendizagem desenvolvidas durante o Estágio Profissional no ano letivo de 2021/2022, no seio de duas turmas de 6.º ano do 2.º ciclo do ensino básico de uma escola do nordeste transmontano. Como objeto principal para este relatório, optei por abordar a temática da inclusão e de que forma através da Música e da Educação Musical ela poderá ser trabalhada. Para além desta temática muitas outras foram realizadas e todas elas, tinham em vista o desenvolvimento de conhecimentos e competências musicais aos alunos. No decorrer de toda a prática letiva, foram definidos objetivos cujos vão de encontro ao documento Aprendizagens Essenciais 2.º Ciclo do Ensino Básico- Educação Musical. Face às estratégias adotadas, estas vão de encontro à postura pedagógica, posicionamento dos alunos e à divisão da aula em partes. Como professor, e como postura pedagógica, achei sempre importante que as aulas de Educação Musical fossem aulas onde todos pudessem ser ouvidos, onde o trabalho em grupo fosse fulcral e um espaço onde o respeito pelo outro existisse. Tudo isto sempre com o propósito de preparar os alunos para num futuro se tornarem bons cidadãos e defensores de uma sociedade inclusiva, ouvinte e respeitadora da diferença.

**Palavras-Chave:** Música; Educação Musical; Inclusão, Prática de Ensino Supervisionada.



## ABSTRACT

The present report, elaborated in the scope of the curricular unit of Supervised Teaching Practice, integrated in the curricular plan of the Master's degree course in Teaching Music Education in Basic Education, intends to present, in a reflective and contextualized way, a series of teaching-learning experiences developed during the Professional Training in the school year 2021/2022, within two 6th grade classes of the 2nd cycle of basic education of a school in the northeast of Trás-os-Montes. As main object for this report, I chose to approach the theme of inclusion and how it can be worked through Music and Music Education. Besides this theme, many other themes were carried out and all of them, had in view the development of knowledge and musical competences to the students. Throughout the teaching practice, objectives were set, which meet the document Essential Learning 2nd Cycle of Basic Education - Music Education. Given the strategies adopted, these are in line with the pedagogical attitude, positioning of students and the division of the class into parts. As a teacher, and with a pedagogical attitude, I always thought it was important that Music Education lessons were lessons where everyone could be heard, where group work was essential and a space where respect for the other existed. All this always with the purpose of preparing the students to become good citizens in the future and defenders of an inclusive society, listening and respectful of difference.

**Keywords:** Music; Musical Education; Inclusion; Supervised teaching practice.



## ÍNDICE GERAL

Dedicatória .....	v
Epígrafe .....	vii
Agradecimento .....	ix
Resumo .....	xi
Abstract .....	xiii
Índice geral .....	xv
Índice de figuras .....	xix
Índice de tabelas .....	xxiii
Índice de anexos .....	xxvii
Abreviaturas e siglas .....	xxix
INTRODUÇÃO .....	3
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO MUSICAL</b>	
1. O Que é Ser Professor: Da Nota Inicial à Suspensão Final .....	7
2. A Educação Musical: Uma Disciplina Regente de Valores e Funções.....	10
2.1. Valores e Funções da Educação Musical.....	10
2.2. O Professor Maestro .....	12
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA</b>	
1. A Escola .....	15
2. A Turma .....	16
3. Os Espaços E Materiais De Aprendizagem .....	17
4. Os Documentos Organizadores Do Processo De Ensino .....	19

## **CAPÍTULO III**

### **DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM PROFISSIONAL**

1. A Educação Musical como Recurso à Inclusão .....	39
1.1. Da exclusão à inclusão: Um caminho cheio de sustenidos e bemóis.....	39
1.2. Por uma educação musical inclusiva .....	43
1.3. Os objetivos .....	44
1.4. As estratégias .....	45
2. O Palco dos Pequenos Artistas e dos Pequenos Compositores.....	48
2.1. Uma peça rítmica não convencional .....	48
2.2. Compositores .....	50
3. This Is Me.....	52
4. Análise Reflexiva.....	57

## **CAPÍTULO IV**

### **REFLEXÃO SOBRE AS COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS**

1. O Processo de Backstage que não é visto.....	62
2. Vê um, faz um, ensina um .....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
LEGISLAÇÃO PORTUGUESA CONSULTADA.....	76
ANEXOS.....	77



---

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Infraestrutura escolar .....	16
Figura 2. Auditório .....	18
Figura 3. Disposição da sala de EM em funcionamento. ....	19
Figura 4. Esquema conceptual do <i>Perfil dos Alunos à Saída da Escolariedade Obrigatória</i> .....	21
Figura 5. Espiral de conceitos adaptado do Manhattanville Music Program .....	24
Figura 6. Exclusão.....	39
Figura 7. Segregação.....	40
Figura 8. Integração.....	41
Figura 9. Inclusão.....	42
Figura 10. Padrões rítmicos.....	48
Figura 11. Composição de uma peça rítmica com simbologia não convencional.....	49
Figura 12. PowerPoint com os 23 compositores. ....	50
Figura 13. Caricaturas dos compositores. ....	51
Figura 14 e 15. A aplicação da inclusão indiretamente na atividade .....	52
Figura 16. Excerto do arranjo da música “ <i>This is Me</i> ” .....	55





## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Síntese da divisão da aula.....	47
Tabela 2. Síntese da divisão da atividade.....	53





## ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1. Inventário da arrecadação da escola .....	78-79
Anexo 2. Folha de tarefas timbrada.....	80
Anexo 3. Planificação monorritmia/polirritmia.....	81-82
Anexo 4. Planificações da atividade “ <i>Compositores</i> ” .....	83-86
Anexo 5. Planificações da atividade “ <i>This is Me</i> ” .....	87-94
Anexo 6. Letra “ <i>Respeito por Um</i> ” .....	95-97



## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AE-EM:** Aprendizagens Essenciais para o 2.º Ciclo do Ensino Básico - Educação Musical

**AR:** Atividade de Rotina

**AS:** Atividade Síntese

**ASA:** Atividade de Sala de Aula

**ASE:** Serviço de Ação Social Escolar

**CNEB:** Currículo Nacional do Ensino Básico

**EE:** Educação Especial

**EM:** Educação Musical

**MMCP:** *Manhattanville Music Curriculum Program*

**ME:** Música Eficiente

**MU:** Medidas Universais

**NEE:** Necessidades Educativas Especiais

**OG:** Orquestra Geração

**PASEO:** Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

**PEM:** Programa de Educação Musical

**RTP:** Relatório Técnico Pedagógico

## ***INTRODUÇÃO***



## INTRODUÇÃO

O movimento da Inclusão é um dos movimentos que mais destaque tem na nossa sociedade nos dias atuais. Na área da Educação, este movimento tem-se mostrado cada vez mais emergente o que, por um lado requer que professores e escolas estejam preparados para incluir qualquer estudante nas suas turmas, mas também, por outro, exige que docentes e currículos se adaptem às especificidades de cada estudante.

A escolha desta temática para este *Relatório de Prática de Ensino Supervisionada* e para a minha prática pedagógica enquanto professor estagiário, levou em conta diversos aspetos pessoais e profissionais. Por um lado, por ser um tema que sempre me despertou interesse e curiosidade, e por outro, em termos profissionais na minha opinião, para além da escola ser um dos principais motores do movimento da inclusão, a disciplina da Educação Musical pode funcionar como um recurso à sensibilização não só dos futuros cidadãos, mas também das próprias escolas que através de projetos e atividades musicais, podem sensibilizar e alertar para a problemática.

Assim, o presente relatório encontra-se dividido em 4 capítulos. O primeiro capítulo, “Ser Professor de Educação Musical” conta com 2 grandes subcapítulos: (i) O que é ser professor: Da nota inicial à suspensão final; (ii) A Educação Musical: Uma disciplina regente de Valores e Funções. Este capítulo tem como principal objetivo abordar os valores e funções da Educação Musical, a definição da área docente como profissão e aos saberes que cada docente deve possuir, o papel do professor de Educação Musical (EM) como educador dos futuros cidadãos, a construção da identidade do educador musical e, por fim, das máximas que cada educador musical deve ter ciente no decorrer das suas funções. No decorrer deste capítulo sustentei as minhas ideias e opiniões com autores como Merriam, (1964); Lemosse (1989), Nóvoa (1995), Shulman (1997), Hummes, (2004), Ibernón (2011) e Jorgensen, (2021).

O capítulo II “Caracterização do Contexto de Intervenção Pedagógica” e visto ser este um capítulo de caracterização de todo o contexto pedagógico e dos documentos orientadores de aprendizagem, nele está incluída a caracterização da Escola, dos espaços de aprendizagem e das turmas que nos foram atribuídas.

O capítulo 3 “Desenvolvimento da Aprendizagem Profissional” está dividido em 4 grandes subcapítulos. Um primeiro intitulado de “A Educação Musical como recurso à Inclusão” subdividido em 4 pontos fulcrais: i) Da exclusão à Inclusão: Um caminho cheio de

sustentados e bemóis; ii) Por uma Educação Musical Inclusiva; iii) Os objetivos; iv) As estratégias; O segundo grande subtítulo, intitulado de “O palco dos pequenos artistas e dos pequenos compositores” sendo este um subcapítulo que diz respeito a atividades feitas em sala de aula, o mesmo encontra-se dividido em 2 subpontos, cada um correspondente a uma atividade: i) Uma peça rítmica não convencional; ii) Compositores.

O ponto 3 deste capítulo apelidado de “*This Is Me*”, foi uma atividade desenvolvida no seio das turmas onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada. Esta atividade tinha como principal objetivo recorrer à Educação Musical para trabalhar o conceito da Inclusão. É de salientar que os objetivos definidos vão de encontro com ao documento Aprendizagens Essenciais 2.º Ciclo do Ensino Básico- Educação Musical (AE-EM).

O ponto 4 “Análise reflexiva” visa refletir de modo geral em alguns aspetos que foram surgindo no decorrer da PES.

De modo geral para além de ser um capítulo onde se apresentam algumas atividades feitas em sala de aula, trata-se também de um capítulo de enquadramento teórico referente ao percurso histórico da inclusão, a projetos musicais cujo tema tenha sido a inclusão, inclusão escolar e o que é necessário para que ela exista. Neste capítulo será possível encontrar autores como Nirje, (1969, citado em Silva 2009); Wolfenberger, (1972); Soder, (1981); Del Rio, (1985); César, (2003).

O último capítulo do Relatório de Prática de Ensino Supervisionada “Reflexão sobre as competências profissionais” é um capítulo de síntese e subdivide-se em dois subcapítulos: (i) “O Processo de Backstage que não é visto”; (ii) “Vê um, faz um, ensina um”. Neste último capítulo, retratarei algumas situações que aconteceram e que não estavam de todo planificadas bem como, farei uma pequena reflexão final do que para mim é ser professor e do que é preciso para chegar lá.



***CAPÍTULO I***  
***SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO MUSICAL***



## **1. O que é ser professor: Da nota inicial à suspensão final.**

Em Portugal, o estatuto de professor é atribuído pelo Ministério da Educação cujo é o organismo responsável pela Educação em geral. Para isso, foi criado através do Decreto-Lei n.º 240/2001, o Perfil Geral de Desempenho Docente que compreende uma série de dimensões e exigências que cada professor deve possuir para o reconhecimento das suas habilitações profissionais. Posto isto, segundo o mesmo documento, cada docente deve possuir a dimensão profissional, social e ética; a dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; a dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade; e a dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida.

É aqui que coloco a questão O que é ser professor? Segundo Carlos e Ferreira (2003), “(...) ser professor significa tomar decisões importantes a nível pessoal e individual de acordo com princípios coletivos criados por outros profissionais ou regulamentos institucionais (...)” (p.4). No entanto, no processo de tomada de decisões, um professor deve ser sobretudo um sujeito que é capaz de utilizar o conhecimento adquirido na sua experiência e na sua formação e aplicá-lo em contextos pedagógicos de cariz prático e já existente. Por sua vez, Cunha (2007), afirma que ser professor exige uma série de competências funcionais, científicas psicopedagógicas e educativas que preveem “(...) um perfil de desempenho que inclui todas as dimensões essenciais ao exercício da docência – profissional, social e ética; de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; de participação na escola e de relação com a comunidade (...)” (p.112).

A formação inicial de um professor, de acordo com Mesquita (2010), “(...) é, por excelência, o período de iniciação do futuro profissional (...)” (p.3) o que por consequente, pressupõe um equilíbrio entre os aspetos técnicos e as finalidades sociais a que essa formação terá de dar resposta. É certo que o período de formação inicial denominado por estágio profissionalizante, é o momento de passar para a prática tudo aquilo que foi aprendido durante o percurso académico e aqui, as instituições educativas, devem procurar estabelecer e desenvolver no estagiário as competências necessárias para que este se possa tornar professor. Deste modo, o papel do estágio assume um marco importante na construção de qualquer profissional docente, porém, atualmente denotam-se ainda alguns “(...) problemas relativos à

relação teoria-prática e às finalidades do estágio face às culturas de ensino nas escolas (...)” (Vieira, 2019, p.4). Os programas de formação inicial atuais segundo a mesma autora, assentam em dois caminhos: um deles que privilegia a adoção de teorias e métodos pré-definidos que supostamente são eficazes no processo de aprendizagem dos alunos e outro, que tendo em conta os contextos em que trabalham, privilegia o desenvolvimento da capacidade da tomada de decisões de cada professor em relação ao ensino.

No que diz respeito à formação inicial de professores de Educação Musical (EM), esta surgiu pela primeira vez no ano de 1986 pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (ESE-IPP) isto porque, até esse ano, todos os outros cursos oferecidos pelas diversas instituições, tinham a finalidade de formar professores generalistas especializados em EM.

É certo que vivemos num mundo onde a mudança avança a uma velocidade drástica em função das “(...) mudanças demográficas devidas às grandes migrações das populações, à inclusão social, à globalização e à diversidade cultural, mas também à hegemonia cultural (...)” (Green, 2008; Jorgensen, 2019; McPherson & Welch, 2012, como citados em Palheiros, 2020 p. 118) o que se torna um desafio para a EM e para os professores que, para além de terem de arranjar e adaptar as suas práticas constantemente, ainda têm a tarefa de retirar delas benefícios educativos.

O crescente avanço tecnológico e o processo de globalização<sup>1</sup>, resultam numa grande diversidade cultural e, por consequente, numa grande diversidade musical a que os professores de EM têm de responder. Esta diversidade cultural na minha opinião, é um dos maiores desafios de qualquer professor e principalmente de um professor de EM pois, com turmas cada vez mais heterogéneas, torna-se crucial trazer repertório musical diferenciado nas suas vastas vertentes para dentro da sala de aula tendo em vista, a promoção da inclusão e das experiências individuais de cada um sendo para nós, músicos e professores, um dos elementos mais importantes e que deve estar presente nas nossas práticas educativas. Contudo, é de lamentar que no nosso país a EM seja ensinada por “(...) professores formados na tradição “clássica” (...)” (Palheiros, 2020, p.118) com repertório que valorizam mais o professor que o próprio aluno. Enquanto professores de formação inicial e futuros profissionais da área, na minha índole devemos responder a este crescente pluralismo cultural através de perspetivas pedagógicas e musicais variadas e, sobretudo, reconhecer a “diferença” como um momento de partilha de conhecimento entre alunos e professores (Palheiros, 2020).

---

<sup>1</sup> Segundo o dicionário online da Porto Editora, Globalização é o “fenómeno de intercâmbio cultural, social e político entre diferentes povos e comunidades, decorrente do desenvolvimento de uma economia de escala planetária.” (<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/globaliza%C3%A7%C3%A3o>).

Outro dos grandes desafios que afeta não só o *ser professor de EM*, mas também a disciplina em si, é o seu próprio currículo que com o passar dos tempos tem sido alvo de constantes alterações. Por currículo, segundo Roldão (2000), entendemos uma construção social que tem o intuito de dar resposta às necessidades de uma sociedade. Na EM a criação de um currículo remonta ao ano de 2001 com a publicação do *Currículo Nacional do Ensino Básico-Competências Essenciais* cujo, inclui toda a área da Educação artística como oferta educativa obrigatória para todo o Ensino Básico. Segundo este documento, “(...) As competências artístico-musicais desenvolvem-se através de processos diversificados de apropriação de sentidos, de técnicas, de experiências de reprodução, de criação e reflexão, de acordo com os níveis de desenvolvimento das crianças e dos jovens (...)” (Ministério da Educação, 2001, p.151).

No ano de 2012 após o Ministério da Educação considerar que “(...) um currículo organizado em competências, inútil e redutor do saber e dos conhecimentos a transmitir (...)”, (APEM, 2016, p.3) não era o mais acertado para a disciplina de EM, procedeu assim a uma revisão de toda a estrutura curricular o que, por consequente, mais uma vez prejudicou não só a disciplina, como também, a área da educação em geral. Segundo esta revisão curricular, deixamos de falar em competências e começamos a falar em “(...) conhecimentos, conteúdos, metas (...)” (APEM, 2016, p.3) cuja finalidade, é verificar os resultados obtidos pelos alunos nos exames finais das disciplinas consideradas fulcrais. A EM vê então aqui, o escasso tempo que lhe é dedicado a ser encurtado para uma hora e meia semanal resultando assim na frustração do corpo docente e por conseguinte, na diminuição dos mesmos.

## **2. A Educação Musical: Uma disciplina regente de Valores e Funções**

### **2.1 Valores e Funções da Educação Musical**

É certo que de uma maneira ou de outra a Música está presente na nossa sociedade nos seus mais variados moldes. Está presente nos meios de comunicação, nos consultórios médicos, recreios escolares, eventos entre outros (Hummes, 2004). Assim, é certo que associados a ela existam funções e valores que devem ser levados em conta.

Autores como Allan Merrian (1964), apontam diversas funções que devem ser levadas em conta quando falamos de Música na sociedade. Segundo este autor, a música assume 10 tipos de funções distintas dentre as quais: função de expressão emocional; função do prazer estético; função do entretenimento; função de comunicação; função da representação simbólica; função da reação física; função de impor conformidade às normas sociais; função da validação das instituições sociais e dos rituais religiosos; função da contribuição para a continuidade e estabilidade cultural; e a função da contribuição para a integração da sociedade.

Especificando cada uma delas, no que toca à função emocional da música, o presente autor afirma que a música funciona como forma de expressão emocional pois, através dela, cada um pode manifestar os seus sentimentos ou as suas ideias. Face à função do prazer estético, esta, deve incluir o ponto de vista do compositor e o ponto de vista do ouvinte isto porque, para Merrian (1964), fatores como a cultura devem ser levados em conta. No âmbito da função do entretenimento, esta é transversal a todas as sociedades e a todas as culturas, contudo, segundo o mesmo autor, é necessário fazer a distinção entre o fazer música “puro” (Hummes, 2004 p.18) considerado um hábito ocidental e, o entretenimento ligado às formas de comunicação. No que toca à função da comunicação, a música como linguagem universal pode muitas vezes adquirir a função de comunicação pois, através dela, pode-se falar de diversos temas e temáticas como é o caso da atividade desenvolvida no âmbito da prática de ensino supervisionada que será abordada mais à frente no capítulo III deste relatório. A função da representação simbólica da música aparece em todas as sociedades isto porque, através da letras e emoções que ela nos sugere, é possível perceber ideias e comportamentos inerentes a cada sociedade. A função da reação física, aparece na medida em que ela estimula certas atitudes e comportamentos físicos no ser humano como por exemplo, a utilização da música nas batalhas. A função de impor conformidade às normas sociais, está associada à advertência de certos comportamentos pela

parte da sociedade. A música assume a função da validação das instituições sociais e dos rituais religiosos porque é através dela que se exprimem certos princípios religiosos. A função da contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura assume um papel importante isto porque, é uma conjugação de todas estas funções cujas definem em muito cada sociedade. Por fim, a função da contribuição para a integração da sociedade, para mim e em conjunto com a função da comunicação são as funções mais importantes que a música pode assumir dado que tanto uma como a outra, são capazes de promover certas temáticas civis que a meu ver, são pontos fortes a serem pensados e discutidos pela sociedade. A par de exemplo temos o caso de temas como a inclusão, a igualdade e a justiça.

No meio de tantas funções, qual é o papel da EM e onde é que elas entram afinal? Bem, no âmbito da disciplina de EM, esta consegue promover o trabalho entre todas estas funções e ainda promover alguns valores importantes para o desempenho de uma cidadania plena tais como a justiça, a igualdade e a inclusão. Autores como Jorgensen (2021), defendem que através da EM é possível aclamar à justiça de formas muito particulares como por exemplo, através de uma sala de aula democrática onde alunos e professores possam discutir diferentes pontos de vista e juntos, chegarem a um consenso o que por conseguinte, faz com que os alunos sintam que participam de alguma forma nas decisões escolares. A igualdade, surge na EM quando um docente planifica as suas atividades pois, deve estar ciente de que cada aluno é um aluno único e, por esse motivo, o professor deve mobilizar estratégias diferenciadas que possibilitem a transmissão de aprendizagens de forma igual para todos os alunos. Por fim, o valor da inclusão que cujo será o objeto de estudo deste relatório e, aprofundado no capítulo III do mesmo, refere-se à ação ou prática de incluir todos os alunos nas atividades propostas independentemente das suas particularidades/especificidades. Em termos da EM, inclusão significa possuir um leque de compaixão e empatia com o trabalho e perceber, que como docentes teremos de, sem descurar dos métodos tradicionais, ir muito além deles para ensinar os nossos alunos. É perceber que teremos de incluir nas nossas práticas, repertório de outros países, outras culturas, outros géneros musicais e, através delas arranjar formas de ensinar os conteúdos programáticos. É perceber que no caso de existir alunos com alguma deficiência nas nossas turmas, teremos de arranjar forma de que este aluno não se sinta diferente, mas sim incluído nas atividades.

## 2.1. O Professor Maestro

Antes de aprofundarmos o que é ser professor de EM, é necessário fazer-se uma reflexão do que é a profissão docente e a identidade que cada docente assume no decorrer das suas funções.

Definir a área docente como uma profissão tem sido nos últimos anos alvo de muitas opiniões e muitas teorias contraditórias (Estrela, 2010; Imbernón, 2011; Lemosse, 1989; Nóvoa, 1995; Sacristán, 1999). Contudo, antes de mais, é necessário esclarecer que ser docente é possuir uma multidimensionalidade de saberes profissionais (Shulman, 1987) e um diálogo entre a “(...) dimensão científica, a dimensão experiencial e uma dimensão investigativa e reflexiva, indispensável à deliberação e ação em situação de forma fundamentada (...)” (Mesquita, 2010, p.8). Dimensões estas, que juntamente com as competências adquiridas pelos docentes, significam saber agir na complexidade das situações profissionais.

Ser docente, exige saber agir convenientemente, saber mobilizar os saberes e os conhecimentos adquiridos da experiência e do percurso pessoal de cada um em prol dos nossos alunos, é saber aprender todos os dias com os educandos, é reinventarmo-nos, é o comprometimento e o empenho tendo sempre em vista a formação e educação dos futuros cidadãos. Ser professor de EM é isso mesmo, é reformular as nossas práticas pedagógicas todos os dias, é saber aproveitar as experiências dos alunos e transformá-las em momentos de aprendizagens, é tentar descobrir o potencial criativo de cada aluno e através dele despontar o sentido criativo do mesmo (Shaffer, 1992), em suma, é preciso possuir uma identidade que deve ser construída através de “(...) processos de relações humanas objetivas e subjetivas (...)” (Joly, 2017, p.74).

De acordo com Shaffer (1992), para ser educador musical é necessário refletir sobre um conjunto de 10 máximas. Assim, de seguida gostaria de referir algumas delas que acho pertinente: o fracasso deve ser visto como um meio de aprendizagem pois, é através dele que o professor poderá refletir sobre as suas práticas e por conseguinte melhora-las; o ato de ensinar e sobretudo o de fazer música, requer muitas vezes retrocessos e mudanças para que consigamos alcançar os resultados esperados; o professor de EM, deve colocar-se sempre ao nível do aluno de modo a que seja possível uma partilha de conhecimento por ambas as partes; como docentes, devemos adotar sempre que possível, uma postura pedagógica democrática, criativa, inspiradora e interativa bem como, procurar sempre novas filosofias

de ensino de modo a construir a nossa própria; por fim a máxima que me chamou mais à atenção é a de que o professor não é detentor de todo o conhecimento assim, o docente deve adotar sempre uma postura reflexiva e crítica de si mesmo de modo a tentar melhorar todos os dias (Shaffer, 1992). De acordo com este conjunto de máximas, concluo que ser professor não é um processo fácil e requer uma busca contínua de novas abordagens de ensino. No caso do Educador Musical, esta busca deve ser ainda mais rigorosa e ao mesmo tempo cada vez mais criativa e prática de forma a tornar a nossa aula, um lugar de mil descobertas onde professor e aluno partilham conhecimento e se descobrem mutuamente, onde todos os alunos podem sentir que participam nas tomadas de decisões, onde todos os alunos são incluídos nas atividades e são tratados de forma igualitária e justa.

***CAPÍTULO II***  
***CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE INTERVENÇÃO***  
***PEDAGÓGICA***

## 1. A Escola

A iniciação à prática de ensino supervisionada decorreu no ano letivo 2020/2021 numa escola de ensino básico do nordeste transmontano. O estabelecimento de ensino em questão foi inaugurado entre 1983/1984, inicialmente como uma escola preparatória onde estava contemplado o segundo ciclo do ensino básico e somente mais tarde, com o aumento da oferta formativa, passou a contemplar todo o ciclo de ensino básico e secundário. Contudo, apenas no final do ano de 2003 se afirma nos moldes que hoje é conhecida. Este estabelecimento de ensino encontra-se enquadrado num agrupamento dotado de órgãos próprios de administração e gestão com um regulamento interno próprio criado em 2012, no qual, estão inseridos um conjunto de dez escolas dentre as quais: três escolas de ensino Pré-escolar, cinco escolas de Ensino Primário, uma escola de Ensino Básico e, por fim, uma Escola Secundária. Geograficamente, o estabelecimento de ensino, encontra-se bem localizado, com bons acessos e com diversos espaços verdes e de recreio para os alunos que a frequentam. Apesar das medidas adotadas devido à pandemia, a escola para tornar o recreio dos seus alunos o mais normal possível, decidiu primeiramente fazer alterações nos horários das turmas impedindo assim, que os alunos se aglomerassem na entrada e mesmo no próprio recreio.

Em termos infraestruturais, a escola onde se procedeu à prática de ensino supervisionada, sofreu no ano de 2003, obras de requalificação e ampliação do espaço possibilitando a partir desse momento, a criação de quatro grandes blocos (ver figura 1): um pavilhão gimnodesportivo (A), um auditório (D) que atualmente funciona como sala de EM com capacidade para 100 pessoas, uma biblioteca (D), uma sala dos professores (D), salas de informática (D), laboratórios destinados ao departamento de Ciências da Natureza (B), salas destinadas ao departamento de Educação Visual e Tecnológica (B), duas salas destinadas unicamente para a prática de EM com acesso a uma arrecadação (C), bem como, aquecimento central em todos os espaços, zonas verdes devidamente limpas e cuidadas, uma cantina/refeitório (C), uma sala polivalente (C) e, por fim, um espaço dedicado aos serviços administrativos (C). Devido à situação pandémica e de modo a combater possíveis cadeias de transmissão, os órgãos administrativos escolares decidiram com vista a normalização do recreio dos seus alunos, fazer alterações nos horários das turmas impedindo que os mesmos se aglomerassem na entrada. No espaço do recreio, optaram por dividir o espaço (E) por turmas

possibilitando assim, a que cada turma tenha um espaço próprio de convívio e lazer. Esta escola dispõe ainda, ao abrigo do Despacho n.º 7415/2020, a opção de um regime de Ensino Artístico Especializado em Música correspondente ao primeiro e segundo grau do mesmo. Este despacho, “(...) Homologa as Aprendizagens Essenciais das disciplinas da componente de formação científica dos cursos artísticos especializados do ensino secundário e de Formação Musical das áreas de Música e de Dança dos cursos artísticos especializados do ensino básico (...)” (Direção Geral da Educação, 2020).

**Figura 1:** Infraestrutura Escolar  
Fonte: *Google Maps*



## 2. A Turma

A minha intervenção decorreu no seio de duas turmas de 6.º ano de escolaridade de um agrupamento de escolas do norte do país. A turma (i) era constituída por vinte e três alunos dentre os quais, treze do sexo masculino e dez do sexo feminino.

Em termos generalistas, esta turma demonstrava ser muito perturbadora e desinteressada o que por conseguinte, proporcionava um mau ambiente de aprendizagem. No âmbito da relação entre os pares, esta não se mostra na sua grande maioria ser a mais favorável pois entre eles, denotavam-se alguns conflitos com aqueles que tentam prestar alguma atenção à prática letiva. No que concerne aos conhecimentos musicais, esta turma apresenta diversas dificuldades na assimilação dos conteúdos e alguma falta de autonomia denotada no período de observação e que se veio a confirmar no decorrer do período de responsabilização. No que diz

respeito à caracterização pessoal da turma em si, apesar de ter sido solicitado diversas vezes, os documentos referentes nunca foram fornecidos o que impossibilita uma verdadeira caracterização da turma.

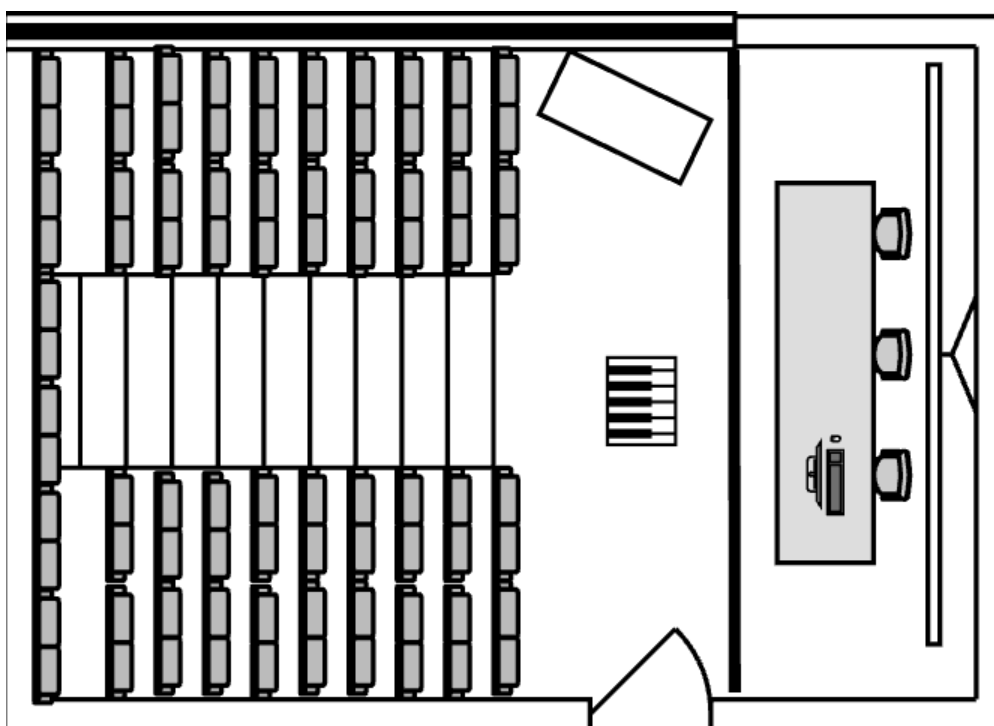
A turma (ii), era constituída por vinte e dois alunos sendo dez deles do sexo masculino e doze do sexo feminino. Na sua generalidade, os alunos desta turma habitavam no centro distrital e na sua grande maioria deslocavam-se de transporte privado, no entanto, existiam dois alunos que viviam nas aldeias próximas à cidade e devido a isso, utilizavam geralmente transporte público escolar. Esta turma em específico, apresentava ainda um aluno com Relatório Técnico Pedagógico (RTP), três alunos com retenções das quais, duas delas correspondiam a retenções no segundo ano de escolaridade e uma delas, correspondente ao sexto ano de escolaridade. Existia ainda um total de oito alunos que beneficiavam de Medidas Universais (MU) à disciplina de Matemática e apenas dois deles a Português. No âmbito do Serviço de Ação Social Escolar (ASE), este programa alberga na turma em questão, cinco alunos no escalão A, e cinco no escalão B. Dentre os vinte e dois alunos existem no total oito alunos que não se encontram inscritos à disciplina de Educação Moral Religiosa e Católica.

Em grande quadro, a turma demonstra ter uma boa relação com os pares e mostram-se sempre aptos a ajudarem-se uns aos outros. No geral são uma turma com um comportamento razoavelmente bom o que proporciona um bom espaço de aprendizagem. No âmbito do espaço de aprendizagem da EM a turma demonstra vontade de aprender e de executar as tarefas propostas, contudo, denotam-se certas dificuldades em alguns conteúdos específicos como, por exemplo a estabilidade da pulsação rítmica que até ao final do ano letivo, foi a maior dificuldade apontada pelos alunos.

### **3. Os Espaços E Materiais De Aprendizagem**

A disciplina de EM no âmbito dos espaços e materiais de aprendizagem, está circunscrita a duas salas de aula com acesso a uma arrecadação, contudo, devido à situação pandémica SARS-CoV-2, uma das salas está inutilizada e o auditório (ver figura 2) tem assumido a função de sala de aula para a prática letiva da disciplina.

**Figura 2:** Auditório  
Fonte: *Autor deste relatório*

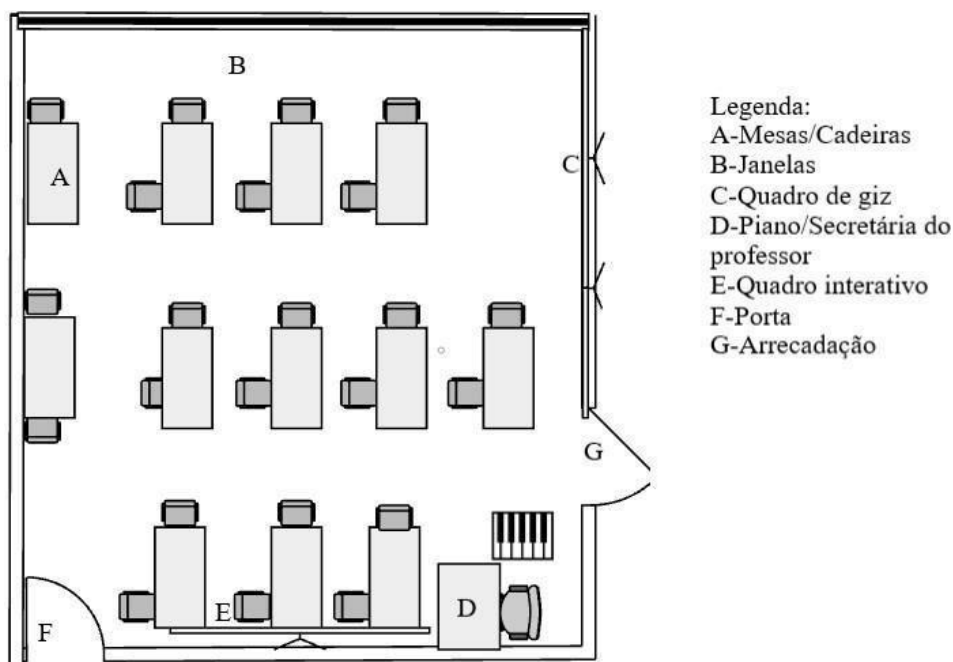


Apesar da escola possuir duas salas específicas da disciplina, ambas são muito pequenas e pouco preparadas para receber grandes turmas o que por sua vez, influencia a concepção de algumas atividades que poderiam ser desenvolvidas no âmbito dos domínios estipulados no documento *Aprendizagens Essenciais para o 2.º Ciclo do Ensino Básico-Educação Musical* (AE-EM). Entre outras questões relacionadas aos espaços de aprendizagem, é de salientar que a única sala definida para o ensino da EM em funcionamento (ver figura 3) possui janelas, é na minha opinião, uma sala com pouca luz solar devido à grossura das cortinas utilizadas e, também devido à sua disposição, a mesma não se encontra organizada de acordo com a posição do quadro interativo, dificultando, a execução de algumas ideias pedagógicas (ver figura 3).

A escola possui ainda uma arrecadação com acesso às duas salas com uma grande variedade de instrumentos (ver anexo 1) de altura definida e indefinida<sup>2</sup>, no entanto, muitos deles já se encontram danificados ou então com algumas das suas partes perdidas. Outro ponto desfavorável a meu ver, é a longevidade que o auditório tem da arrecadação encontrando-se em dois pavilhões distintos.

<sup>2</sup> Instrumentos de altura definida são todos os instrumentos de percussão, sopros e cordas, cujos conseguem produzir melodias musicais; Instrumentos de altura indefinida são todos os instrumentos por norma de percussão, cujos não conseguem produzir melodias musicais, mas sim linhas rítmicas.

**Figura 3:** Sala de EM em funcionamento  
 Fonte: Autor do relatório



## 4. Os Documentos Organizadores Do Processo De Ensino

Um dos desafios que se coloca atualmente aos docentes é, sem dúvida, a capacidade de flexibilidade e inovação que cada um possui. Segundo a Comissão das Comunidades Europeias (2007, citado em Flores & Escola, 2008) “num mundo de crescente complexidade, a criatividade, a capacidade de pensar lateralmente, as competências transversais e a adaptabilidade tendem a ser mais valorizadas do que um conjunto específico de conhecimentos” (p.3). Claro está, que durante todo esse processo de flexibilidade, criatividade e inovação que se vai adquirindo no decorrer dos anos, cada professor deve conseguir articular todos os documentos organizadores do processo de ensino e aprendizagem, nomeadamente: o *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória* (PASEO), *Aprendizagens Essenciais-Educação Musical* (AE-EM), *Programa de Educação Musical* (PEM).

O PASEO, surge em 2016 através do Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho, e visa responder às necessidades da sociedade através de uma escola mais independente na decisão e desenvolvimento curricular bem como, intitular-se como um referencial para as decisões a adotar por decisores e atores educativos ao nível dos estabelecimentos de educação/ensino e dos organismos responsáveis pelas políticas educativas. Assim, o documento prevê uma

(...) educação para todos, consagrada como primeiro objetivo mundial da UNESCO, obriga à consideração da diversidade e da complexidade como fatores a ter em conta ao definir o que se pretende para a aprendizagem dos alunos à saída dos 12 anos da escolaridade obrigatória (...) (Ministério da Educação, 2017, p.5)

Segundo esta breve definição dada pelo próprio documento, é possível perceber que o PASEO, reverencia uma nova dimensão escolar que segundo NACEM (1993, citado em Roldão et al., 2018), respeita os jovens ao mesmo tempo que respeita os diferentes percursos escolares adotados pelos mesmos. Por se tratar de um documento construído sobre bases humanistas, é de salientar, que

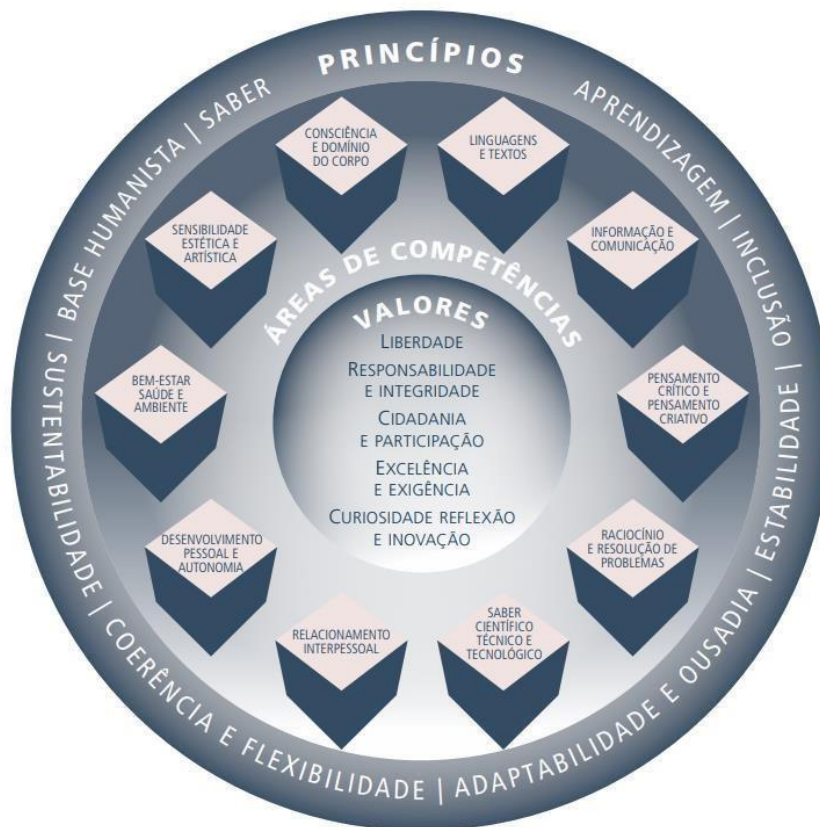
(...) o conhecimento não vale por si mesmo uma vez que implica análise crítica e uma consciência do mundo que pode ser despertada por caminhos tão diferentes e, ao mesmo tempo, complementares como as ciências experimentais, as literaturas ou as artes (...) (Reigado, 2018, p.12)

Estamos assim perante um documento em que o professor tem a capacidade de articular as diferentes áreas disciplinares (ver figura 4), em que o currículo escolar está centrado nas competências e ao que Reigado (2018, p.12), afirma ser “(...) um paradigma que tanta polémica, desacordo, confusão e mal-entendidos gerou (...)” isto porque, a proposta anterior do Currículo Nacional do Ensino Básico (CNEB), assumia um currículo assente nas competências como a manifestação mais complexa do conhecimento, contudo, este novo documento trata-as de forma intrínseca, ou seja, segundo eleas disciplinas devem ser pensadas de forma a que não trabalhem de forma hierárquica rejeitando assim, a ideia de que os alunos possuem todos o mesmo tempo de aprendizagem. Em suma, este documento trata o aluno como o principal interessado no currículo. A finalidade, será a qualificação individual de cada aluno e o exercício de uma futura democracia democrática.

Ao assumirmos que as aprendizagens das várias literacias estão interligadas, vamos de encontro à proposta de Nóvoa (2009), cuja defende a construção de conhecimento por diversas vias dentre as quais, a criatividade, as emoções e as experiências que são áreas que a EM tanto defende.

**Figura 4:** Esquema conceitual do Perfil dos alunos à saída da Escolaridade Obrigatória.

Fonte: *Perfil dos alunos à saída da Escolaridade Obrigatória.* (Ministério da Educação, 2016)



Ao transportar a ideia de Nóvoa (2009) para o contexto de EM, enquadrámos a relação da criança enquanto estudante com o mundo. Para completar esta ideia, June Boyce-Tillman, IrisYob e outros autores (citados em Jorgensen, 2021, p.21) “(...) da área da música e da educação artística têm verificado a dimensão espiritual da experiência musical. Outros compositores têm também pensado na música como algo sagrado e que vai para além do mundo dos sentidos, do tocar a alma (...)”<sup>3</sup>

Enquanto docentes, rejeitar a ideia de que um aluno não pode construir conhecimento através da sua experiência, é assumir que cada criança não consegue dar significado aos eventos vividos por eles. Citando Bondía (2002, p.21), “(...) A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (...)”. Segundo esta premissa, Dewey (1938, p.10), afirma que a “(...)

<sup>3</sup> Tradução livre do autor deste relatório. “(...) and other writers in music and arts education have noticed the spiritual dimensions of musical experience, and composers have also thought of their music as sacred, as going beyond the world of the senses to touch the soul. (...)” (June Boyce-Tillman, Iris Yob and others writers quoted in Jorgensen, 2021, p.21)

verdadeira experiência educativa envolve, acima de tudo, continuidade e interação entre quem aprende e o que é aprendido.”

Com o intuito de revivificar o papel das práticas musicais na educação das crianças, surge ao abrigo do Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, o documento Aprendizagens Essenciais-Educação musical AE-EM que visa centrar a aprendizagem dos alunos na aquisição e desenvolvimento de competências presentes no PASEO.

A redação do presente documento, teve como alicerces as competências musicais oriundas do CNEB homologado pelo Decreto-Lei n.º 6/2001, cujo, aprova uma reorganização curricular para todo o ensino básico através de um conjunto de competências consideradas essenciais para cada um dos ciclos de ensino. No caso da EM este documento reforça o papel de três grandes áreas de aprendizagem: Experimentação/Criação; Interpretação/Comunicação; Apropriação/Reflexão.

É de salientar que o mesmo documento já foi revogado e deixou de ser segundo o Despacho n.º 17169/2011, documento orientador para o desenvolvimento do currículo e para os documentos orientadores do Ensino Básico.

Seguindo os ideais de aprendizagem presentes no AE-EM, denotamos uma escola totalmente nova e diferenciada incentivada por uma lógica de mudança. Em suma, uma escola mais cooperativa. Este novo documento tal como o CNEB, reforça a ideia de que o conhecimento não se prende somente àquele que é transmitido em espaço escolar, mas também, àquele que vem dos contextos de cada aluno. Na perspetiva da EM estes ideais teoricamente são perfeitos pois, “(...) a aprendizagem musical fica terrivelmente deficitária se limitada às quatro paredes da sala de aula (...)” (Reigado, 2018, p.15), no entanto, é de lamentar que atualmente a prática de EM ainda se prende muito a uma sala de aula.

No âmbito de aprendizagens musicais, levanta-se outra questão muito importante que é a do PEM.

A criação de um programa para a disciplina de EM remonta a 1991 e surge com os princípios de que a Música constitui uma parte essencial do currículo escolar a que todo o cidadão deve ter acesso. É uma forma de conhecimento cuja linguagem é o som e a experiência musical criativa é a base de toda a aprendizagem. A finalidade deste programa passa por contribuir para uma educação estética, e para desenvolver nos discentes a capacidade de se expressarem e comunicarem bem como, desenvolver nos alunos o espírito crítico e sensibilizar

os mesmos para a prevenção do património cultural. É um programa que está elaborado segundo um modelo pedagógico de objetivos gerais organizados por atitudes e valores, capacidades e conhecimentos. Este conjunto de objetivos segundo Palheiros (1993), têm não só o propósito de desenvolver capacidades musicais nos alunos como também outras capacidades de comunicação e valorização.

No que toca à construção do programa em si, este surgiu através do projeto *Manhattanville Music Curriculum Program*<sup>4</sup> (MMCP) cujos principais objetivos, “(...) eram desenvolver um currículo musical e materiais relacionados para um programa de aprendizagens sequencial destinado a estudantes desde o ensino primário até ao ensino secundário (...)” (Thomas, 1970, p.6)<sup>5</sup>. É um programa que está construído sobre níveis em espiral, ou seja, é um plano de aprendizagens que permite ao aluno lidar com conceitos musicais sem estes estarem isolados uns dos outros. Num programa curricular em espiral ao contrário de um currículo unitário, o foco está na unidade em si e na sua interação com os fatores musicais. Em suma, num programa curricular em espiral, os conteúdos não são considerados como entidades separadas, mas sim, como entidades interligadas. Na EM, a construção de um programa curricular na forma de espiral, permite ao aluno “(...) pensar, criar, e explorar música da mesma maneira que um músico (...)” (Thomas, 1970, p.102).<sup>6</sup> Assim, parte-se do princípio que a aprendizagem é cumulativa e evolutiva onde todos os níveis são incorporáveis nos níveis seguintes.

A espiral (ver figura 5), está organizada em quatro níveis distintos cujos abordam os cinco conceitos essenciais da aprendizagem musical: (i) Forma; (ii) Ritmo; (iii) Altura; (iv) Dinâmica; (v) Timbre.

---

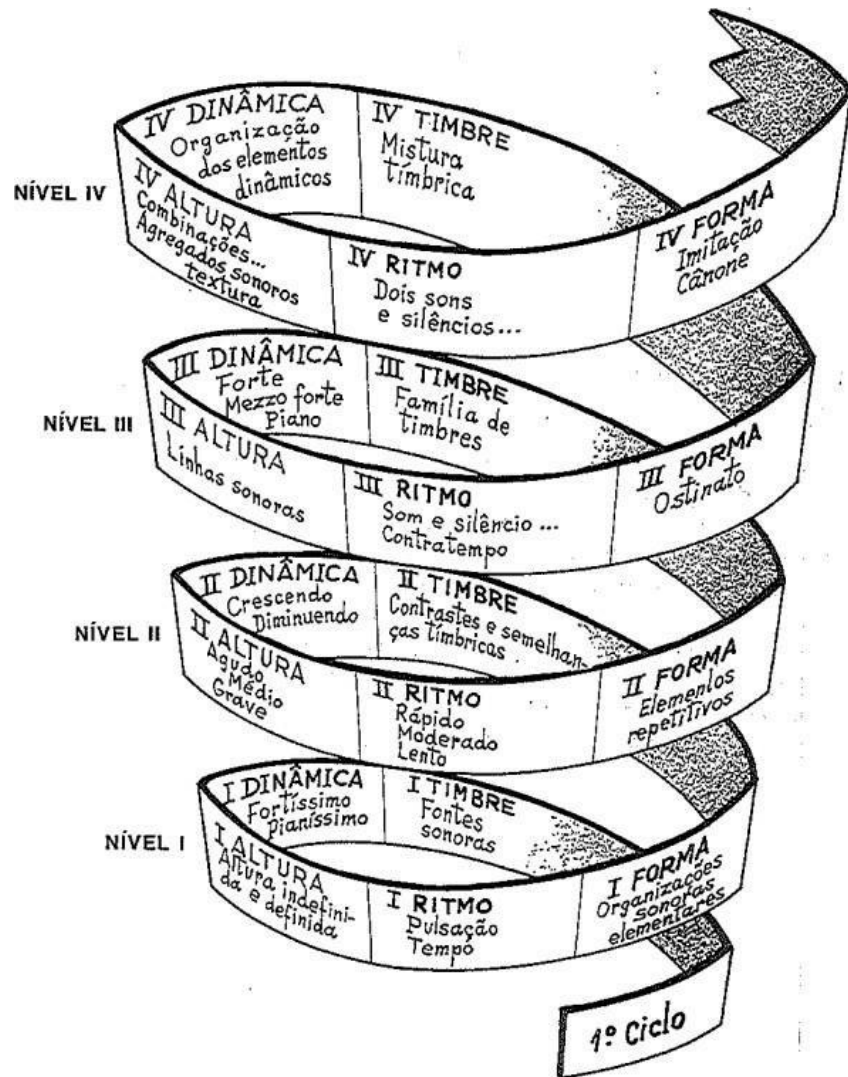
<sup>4</sup> *Manhattanville Music Curriculum Program* é um projeto desenvolvido nos EUA na década de 60 cujo, principal intuito é responder ao desinteresse pela música em ambiente escolar. É uma abordagem que busca melhorar a Educação Musical através de métodos centrados nas crianças. Assim, os objetivos deste programa passam por desenvolver o currículo musical e criar materiais que suportem uma aprendizagem sequencial que englobe alunos do ensino primário ao ensino secundário.

<sup>5</sup> Tradução livre do autor deste relatório: “(...) were to develop a music curriculum and related materials for a sequential learning program for students from the primary through high school years (...)” (Thomas, 1970, p.6)

<sup>6</sup> Tradução livre do autor deste relatório: “(...) think, create, and explore music in the manner of a musician (...)” (Thomas, 1970, p.102)

**Figura 5:** Espiral de conceitos adaptado do Manhattanville Music Program

Fonte: Programa de EM para o 2.º Ciclo do Ensino Básico (Ministério da Educação, 1991)



***CAPÍTULO III***  
***DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM PROFISSIONAL***



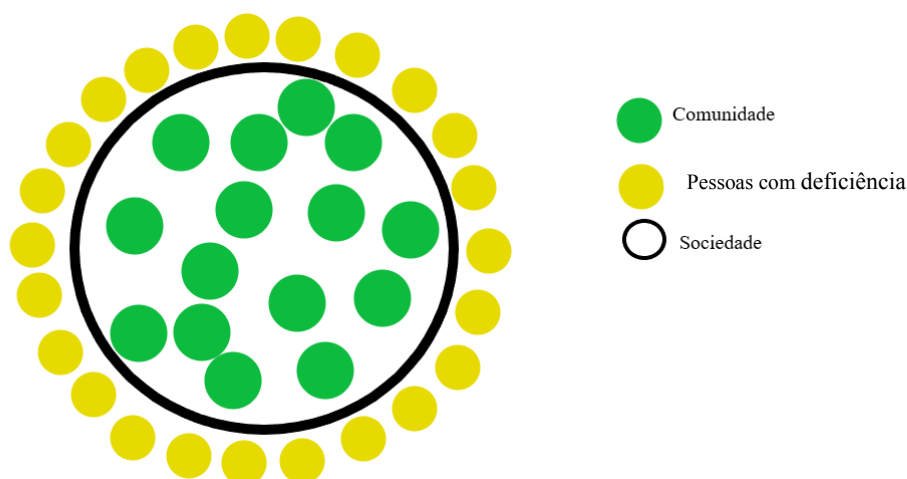
## 1. A Educação Musical como Recurso à Inclusão

### 1.1. Da Exclusão à Inclusão: Um caminho cheio de sustenidos e bemóis

O caminho para a inclusão, é um caminho sinuoso, cheio de obstáculos e fases cujo início, remonta ao século XVII e XVIII em plena idade Medieval. Assim, para chegarmos realmente ao conceito de inclusão, é necessário falarmos dos 4 períodos antecedentes: Exclusão, Segregação, Integração, e por fim Inclusão.

Como exclusão, entendemos o processo de afastamento e privação de determinados indivíduos ou de grupos sociais das estruturas sociais (ver figura 6). No caso das pessoas com deficiência, o processo de exclusão remonta à Idade Média onde à luz da religião, estas pessoas carregavam consigo intervenção demoníaca o que as levava a ser, alvo de perseguições, julgamentos e execuções. Contudo, a criação de algumas ordens religiosas e o bom coração de alguns nobres, permitiu a criação de alguns albergues e hospícios para as pessoas com este tipo de especificidades, no entanto, apesar das tentativas, estas pessoas ainda eram vistas como ameaças para a comunidade o que, por conseguinte, levava ao abandono, à miséria e à degradação dos mesmos. Todavia, é de salientar que no século XIX, surgem novas concepções renascentistas que levam a transformações sociais na Europa e a uma nova consciência sobre deficiências do foro mental o que viabiliza a mudança de mentalidades em relação às causas divinas e demoníacas das necessidades especiais que agora, darão lugar a causas biológicas, sociológicas e psicológicas da competência dos médicos e mais tarde dos psicólogos e educadores.

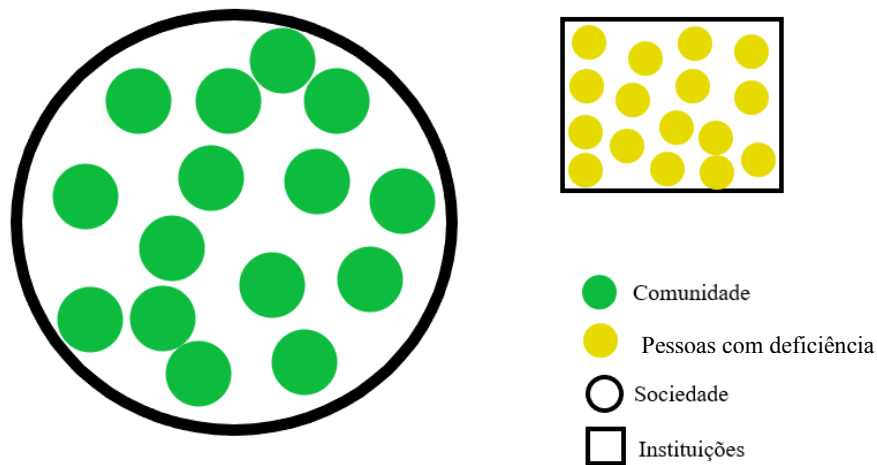
**Figura 6:** Exclusão  
Fonte: *Autor deste Relatório*



Damos assim início ao período de Segregação. Como segregação, segundo Correia (1997) entendemos o processo de separar ou isolar um grupo minoritário de pessoas/crianças do grupo maioritário da sociedade (ver figura 7). Assim, o processo de segregação tem como principal objetivo, inserir as pessoas com deficiência num espaço à parte em condições desumanas.

O período de Segregação surge assim resultante da criação de instituições assistenciais no século XIX e da preocupação da parte de alguns clérigos e nobres com a educação das crianças com deficiência.

**Figura 7:** Segregação  
Fonte: Autor deste Relatório



Nos finais da década de 50 do século XX, surge o conceito de integração e este, por sua vez, vem substituir o conceito de normalização cujo, segundo Nirje (1969, citado em Silva, 2009) defende a introdução de normas similares às que a sociedade considera adequadas à vida diária das pessoas com deficiência de modo a normalizar no seio familiar, educacional, profissional e na segurança familiar, a integração das pessoas com algum tipo de especificidade.

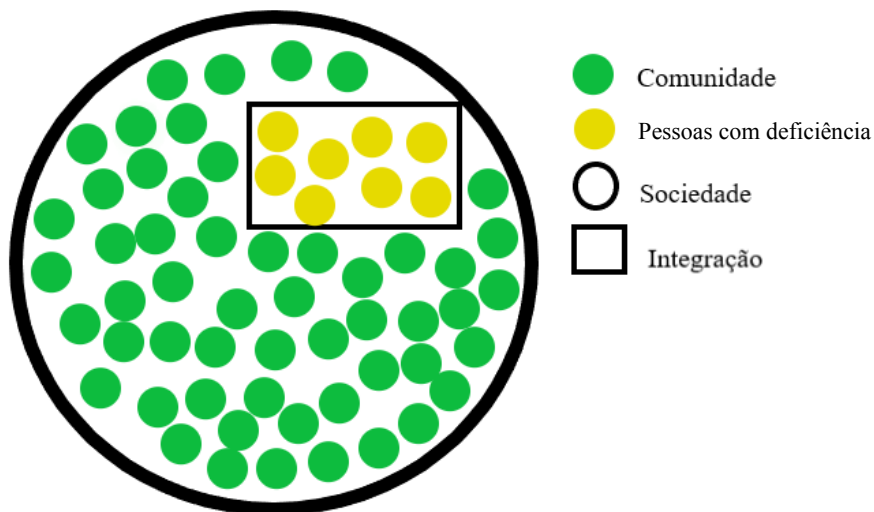
Na área educacional, o conceito de normalização reside na inserção das crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) nas instituições de ensino regular de modo que estes, por sua vez, sejam aceites pelos seus pares independentemente das suas particularidades. Segundo Soder (1981, p.20), as pessoas com deficiência "(...) deveriam poder beneficiar das mesmas condições que as outras crianças, viver com eles e frequentar as mesmas escolas (...)".<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Tradução da responsabilidade do autor deste relatório: "(...) devaient pouvoir bénéficier des mêmes conditions d'existence que les autres enfants, vivre avec eux et fréquenter les même écoles (...)" (Soder, 1981, p.20)

O processo de integração, surge quando algumas políticas institucionais vigentes começam a ser questionadas. Assim por integração, segundo Silva (2009), entendemos o processo em que as pessoas com deficiência têm de se adaptar a uma sociedade e às regras que ela impõe e quando não consegue corresponder a esses padrões exigidos, são criados sítios específicos para elas (ver figura 8).

Segundo esta premissa, o modelo de integração adaptado ao contexto escolar, defende um atendimento educativo diferenciado e individualizado onde os métodos de ensino, os currículos e os recursos materiais e humanos são adaptados e os espaços educativos devem, sobretudo, respeitar a individualidade de cada um.

**Figura 8:** Integração  
Fonte: Autor deste Relatório



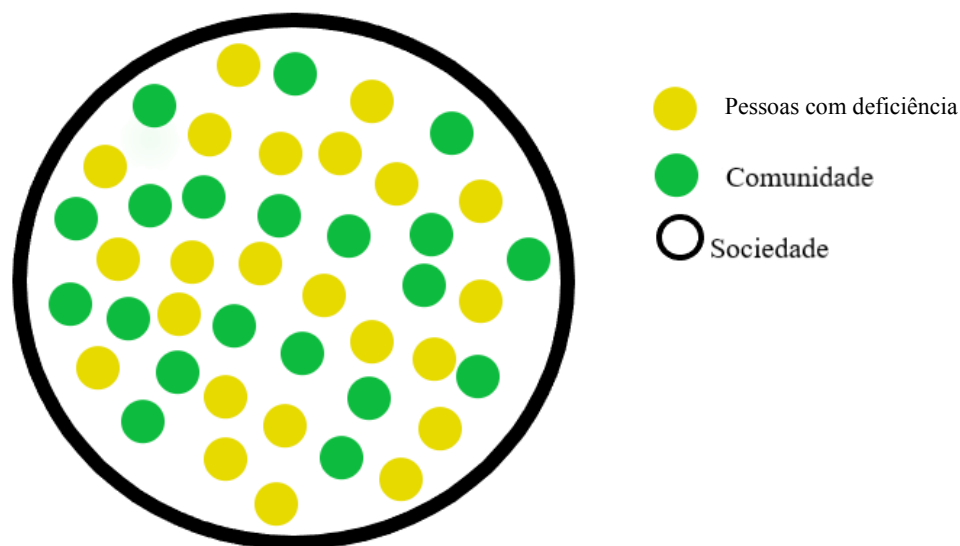
Em suma, após a análise de alguns autores da área, (Del Rio, 1985; Soder,1981; Wolfenberger, 1972) pressuponho que o modelo de integração, deduz que é a pessoa deficiente é que se deve adaptar aos padrões da sociedade e não o contrário.

Chegamos assim ao período designado por inclusão.

Quando falamos de inclusão, referimo-nos a um conjunto de ações que permitem a participação de todos na sociedade independentemente da sua classe social, da sua condição física, do seu nível de educação, do seu género, etnia, orientação sexual entre outros. Na minha opinião, falar em inclusão é respeitar a diferença, é incluir em atividades tudo e todos, é o respeito pela diversidade, é ter empatia pelo próximo, é fazer com que o outro se sinta compreendido e incluído.

O movimento de inclusão surge em 1986 na América devido ao elevado número de alunos com deficiência matriculados nas escolas de ensino público na sua generalidade com dificuldades de aprendizagem ou de comportamento (ver figura 9).

**Figura 9:** Inclusão  
Fonte: *Autor deste Relatório*



Deste modo, o movimento de inclusão tem como alicerces “(...) a aceitação e a valorização da diversidade, a cooperação entre diferentes e a aprendizagem da multiplicidade (...)” (Silva, 2009, p. 144) e com o objetivo de que a criança deve sentir que pertence à escola e a escola neste caso, deve sentir-se responsável por ela. Posto isto, uma escola inclusiva segundo o modelo inclusivo é um espaço onde,

(...) se celebra a diversidade, encarando-a como uma riqueza e não como algo a evitar, em que as complementaridades das características de cada um permitem avançar, em vez de serem vistas como ameaçadoras, como um perigo que põe em risco a nossa própria integridade, apenas porque ela é culturalmente diversa da do outro, que temos como parceiro social (...) (César, 2003 p.119)

No que toca a legislação, surge o Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho de 2018. Este decreto, tem como propósito apostar numa escola inclusiva onde todos os alunos, independentemente das suas especificidades, situação pessoal ou social usufruam de uma educação e formação adequada às suas potencialidades e expectativas cuja, proporcione a todos um sentimento de pertença, equidade e coesão social. Em suma, este decreto de lei estabelece princípios orientadores que devem ser respeitados cuja finalidade, é de responder à diversidade das necessidades de cada aluno potencializando assim, o aumento da participação de todos os

alunos nos processos de aprendizagem. Identifica ainda, que todos os alunos com deficiência devem usufruir de medidas de apoio bem como, de recursos específicos que atendam às suas particularidades.

A escola deve por isso, reconhecer e satisfazer as necessidades dos seus alunos através de uma boa gestão organizacional, de programas e currículos adaptados, de estratégias e recursos pedagógicos inovadores e estabelecer uma boa cooperação entre as respetivas comunidades.

(...) Estas estratégias passavam, entre outras medidas, pela cooperação entre os professores do ensino regular e os do ensino especial, que permitisse uma avaliação das dificuldades de cada aluno e o recurso a medidas educativas que se julgassem mais adequadas para cada situação (...). (Silva, 2009, p.144)

## 1.2 Por uma Educação Musical Inclusiva

Abordar o tema da inclusão escolar é referenciar um conjunto de ações e práticas que integrem todos os estudantes principalmente, aqueles que possuem alguma incapacidade ou dificuldade de aprendizagem e incentivá-los assim, a participar na educação em geral através do apoio às suas necessidades (Jorgensen, 2021).

Para que haja inclusão escolar, é necessário que a própria educação seja inclusiva e para isso, é necessário que a heterogeneidade do grupo não seja vista como um problema, mas sim, como um desafio à criatividade e ao profissionalismo de cada profissional da área. Cada professor deve então, conceber e orientar mudanças nas mentalidades e nas suas práticas educativas. Neste âmbito, foi desenvolvido no decorrer da *Prática de Ensino Supervisionada* a atividade “*This is Me*” que será abordada nos pontos seguintes deste capítulo.

No que toca a projetos musicais com esta temática, já há registo de alguns desenvolvidos neste âmbito. O mais conhecido atualmente é o projeto da *Orquestra Geração (OG)*. O projetoOG, surge com o intuito de

(...) afirmar os seus membros não enquanto sujeitos vulneráveis ou marginalizados, mas sim como um grupo que se distingue pela capacidade de exercitar a diferença, afirmando-se, dessa forma, como um processo de construção social de direitos e deveres e como instrumento de reconstrução de identidades e representações sociais (...) (Lopes et al., 2017, p.36)

Assim, o principal objetivo do projeto OG passa por inserir socialmente através da música todos os alunos que possuam NEE ou situações económico-sociais desfavoráveis. Este tipo de projetos aliados à EM, desenvolve não só os laços afetivos como também, fomenta a cooperação entre os alunos o que por conseguinte, incita à inclusão de cada aluno e ajuda no

desenvolvimento das capacidades linguísticas e fisiológicas bem como, no desenvolvimento da motricidade de cada criança.

No âmbito da inclusão de crianças com NEE, a música e a EM podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo, linguístico, psicomotor e socio afetivo das crianças. Para além do desenvolvimento das capacidades individuais que advêm da EM como recurso à inclusão, não nos podemos esquecer, que através da EM, é possível fazer com que as crianças possam desenvolver também a competência das relações interpessoais através do trabalho em grupo que deve ser desenvolvido nesta disciplina.

Outro exemplo de projeto desenvolvido neste âmbito, é o projeto “*Música Eficiente*” (ME). Projeto este, que é oriundo do Brasil e que tem como objetivos, “(...) resgatar a cidadania e a inclusão social através da música (...)” (Queiroz, 2018, p.4). É um projeto que engloba qualquer tipo de aluno (com deficiência ou não), e funciona através do trabalho em grupo. O método pedagógico, passa por criar grupos de 5 elementos onde 3 alunos possuem uma NEE e os outros dois não e juntos entreajudarem-se mutuamente. No projeto ME, os diferentes ritmos de aprendizagem são respeitados e a sua finalidade, é desenvolver sentidos como o tato, a audição e a visão bem como, desenvolver relações recíprocas e dialéticas entre os alunos (Fonseca, 1995).

Partindo dos dois projetos referidos anteriormente (OG e ME), resolvi desenvolver a atividade “*This is Me*”. Esta atividade tem por base o tema da inclusão e tem como objetivo, reforçar e evidenciar que a EM pode ser entre muitas outras coisas, um recurso a ser utilizado para despontar a sensibilidade dos alunos para uma questão tão importante para a sociedade no geral.

### **1.3 Os Objetivos**

Quando se pensa em fazer uma atividade, é necessário pensar na sua finalidade e nos seus objetivos. Na área da Educação, quando se planificam as atividades o docente deve ter ciente que esses objetivos devem ser ainda mais delineados.

Foram então definidos em conformidade com o AE-EM uma série de objetivos que foram levados em conta no decorrer de toda a prática tais como:

- Sensibilizar os alunos para o tema da inclusão, através da criação de atividades artísticas sobre a temática;
- Promover o trabalho em pequeno e grande grupo onde, a inclusão da opinião dos pares tem a finalidade de despontar saberes;
- Fazer reflexões críticas sobre as atividades elaboradas em sala de aula;
- Explorar a criatividade musical;
- Desenvolver conhecimentos auditivos;
- Desenvolver a capacidade linguagem e textual;
- Criar ambientes propícios ao respeito pela diferença e pelo outro;
- Promover situações que estimulem a imaginação, a criação, a expressão e a comunicação;

#### **1.4 As Estratégias**

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, foram adotadas algumas estratégias que tinham em vista, a promoção da inclusão. Estratégias essas que partiram sempre da postura pedagógica adotada pela parte do docente.

No decorrer das práticas letivas, uma das estratégias utilizadas regularmente foi o trabalho em pequeno e grande grupo. Esta estratégia para além de constituir uma forma de trabalho cooperativo, possibilita a interação entre os alunos, a partilha de informação, ajuda na desinibição e socialização de alguns alunos e principalmente, promove e desenvolve o espírito de entreajuda entre os mesmos.

É de salientar que apesar do tema fulcral deste relatório ser a inclusão, no decorrer das diversas aulas dadas, existiram outras atividades que diretamente não tinham ligação à temática em si, contudo, pela parte docente, sempre foram desenvolvidas estratégias que possibilitassem a inclusão de todos os alunos. Um dos exemplos, eram as reflexões feitas no final de todas as aulas onde todos os alunos podiam dar a sua opinião acerca daquilo que foi feito na aula e, através de um debate aberto, discutiam-se dificuldades e encontravam-se maneiras de as ultrapassar. Outra das estratégias muito utilizadas pela parte do docente, foi o posicionamento dos alunos. Durante a Prática de Ensino Supervisionada sempre que possível, era formado um círculo pelos alunos e pelo professor onde ambos se sentavam no chão, debatiam ideias e faziam atividades musicais. Esta estratégia na minha opinião, servia para demonstrar aos alunos indiretamente que somos todos iguais e que todos têm o direito de ser

ouvidos e se sentir incluídos. Da parte da postura pedagógica do docente, esta estratégia tinha o objetivo de mostrar aos alunos que o professor não é um mero transmissor de matéria, mas sim, demonstrar que a partilha de conhecimento é mútua. Segundo Schaffer (1992), para que uma aula seja produtiva, alunos e professores devem colocar-se na mesma posição e descobrirem-se reciprocamente.

Outra das estratégias pedagógicas mais utilizadas, foi a divisão de todas as aulas dadas em 3 partes distintas. Esta estratégia foi inspirada na divisão “Todo-Parte-Todo” de Edwin. E Gordon cujo defende uma aula dividida em 3 partes. A primeira parte apelidada de Atividade de Rotina (AR), a segunda parte de Atividade de Sala de Aula (ASA) e por fim, a Atividade Síntese (AS). A AR, era a atividade desenvolvida no início de cada aula e apesar do seu principal objetivo ser o de descontrair os alunos através de exercícios musicais que teriam ligação com os conceitos que seriam trabalhados na ASA, estas atividades poderiam tomar rumos e caminhos muito diferenciados isto porque, casualmente, o espaço da AR era utilizado para rever conteúdos ou terminar atividades que teriam ficado pendentes da aula anterior. A ASA por sua vez, era o grande momento da aula onde eram apresentados os conteúdos que se iriam trabalhar no decorrer daquela aula, e onde os alunos faziam as atividades propostas para o aprofundamento dos conceitos pretendidos. Por fim, a AS correspondia aos últimos 15/20 minutos de cada aula. Neste momento da aula, era aberto um debate entre alunos e professores onde se discutia o que foi feito no decorrer da aula. Muitas vezes no tempo da AS, era dada a possibilidade aos alunos de colocarem uma música da sua preferência e do seu gosto de modo que eles pudessem mostrar um pouco do seu gosto musical (ver a tabela 1).

**Tabela 1:** Síntese da divisão da aula

	<b>Direções</b>	<b>Finalidade</b>
<b>Atividade de Rotina</b>	<p>Exercícios de Relaxamento;</p> <p>Exercícios Rítmico- corporais;</p> <p>Exercícios Vocais;</p> <p>Finalizar atividades que teriam ficado pendentes de aulas anteriores.</p> <p>Revisão de Conteúdos;</p>	<p>A AR, diz respeito aos 20 primeiros minutos da aula e, pode tomar diversos caminhos. Contudo, o principal objetivo da mesma é relaxar os alunos ou, introduzir através de exercícios o grande conteúdo a trabalhar na ASA;</p> <p>Casualmente, a Atividade de Rotina era a finalização de exercícios que tinham ficado pendentes ou para a revisão de conteúdos.</p>
<b>Atividade de Sala de Aula</b>	<p>Apresentação do conteúdo específico;</p> <p>Exercícios específicos dos conteúdos a serem trabalhados na aula;</p>	<p>A ASA, corresponde ao grande bloco da aula e corresponde ao momento em que são trabalhados os conteúdos específicos propostos para cada aula;</p> <p>Na ASA, partia-se da prática para a teoria onde os exercícios propostos tinham a finalidade de abordar os conteúdos teóricos inerentes à disciplina.</p>
<b>Atividade Síntese</b>	<p>Apresentação de atividades de grupo;</p> <p>Debate com a turma;</p> <p>Audições de temas propostos pelos alunos.</p>	<p>Em diversas ocasiões, o espaço da AS era destinado à apresentação de atividades que os alunos tinham feito na ASA;</p> <p>A AS, diz respeito aos 15/20 minutos finais de cada aula onde professores e alunos debatiam abertamente os conceitos e os exercícios trabalhados na aula e se esclareciam dúvidas que tenham ficado pendentes;</p> <p>Neste bloco da aula, era dado aos alunos espaço para eles colocarem também uma peça musical à sua escolha desde que esta, fosse de acordo com as diretrizes (ser adequada à sala de aula) esclarecidas anteriormente.</p>

## 2. O palco dos pequenos artistas e dos pequenos compositores

### 2.1 Uma peça rítmica não convencional

A Experiência n.º 1 foi a composição de uma peça rítmica com recurso à notação não convencional. Esta experiência, foi desenvolvida no âmbito dos conteúdos programáticos monorrítmia/polirrítmia<sup>2</sup> e tinha como objetivos principais:

1. Executar células rítmicas em métrica binária;
2. Desenvolver conhecimentos rítmicos;
3. Explorar a criatividade musical através da criação de peças;
4. Apresentar aos colegas as diferentes tarefas desenvolvidas em grupo;
5. Fazer reflexões críticas sobre as atividades elaboradas na sala de aula;
6. Respeitar regras de trabalho em grupo;
7. Desenvolver conhecimentos auditivos.

Assim, como habitual, a aula foi dividida em três momentos (AR, a ASA e AS). Na AR, foi pedido aos alunos para se colocarem de forma aleatória pela sala de aula de modo que pudessem executar em grupos, pequenos motivos rítmicos (ver figura 10) cuja finalidade era construir uma peça rítmica com vozes diferenciadas. Após esta atividade, foi pedido que os mesmos se sentassem no chão e juntamente com o professor debaterem um pouco aquilo que estiveram a trabalhar neste pequeno espaço de tempo. De modo geral, os alunos mostraram-se interessados e colaboradores na tarefa.

**Figura 10:** Padrões rítmicos  
*Fonte: Autor deste Relatório*



<sup>2</sup> A Monorrítmia diz respeito à execução de um ritmo por um ou vários estudantes. Já a polirrítmia, diz respeito à execução de diversos ritmos contrastantes ao mesmo tempo pelos estudantes.

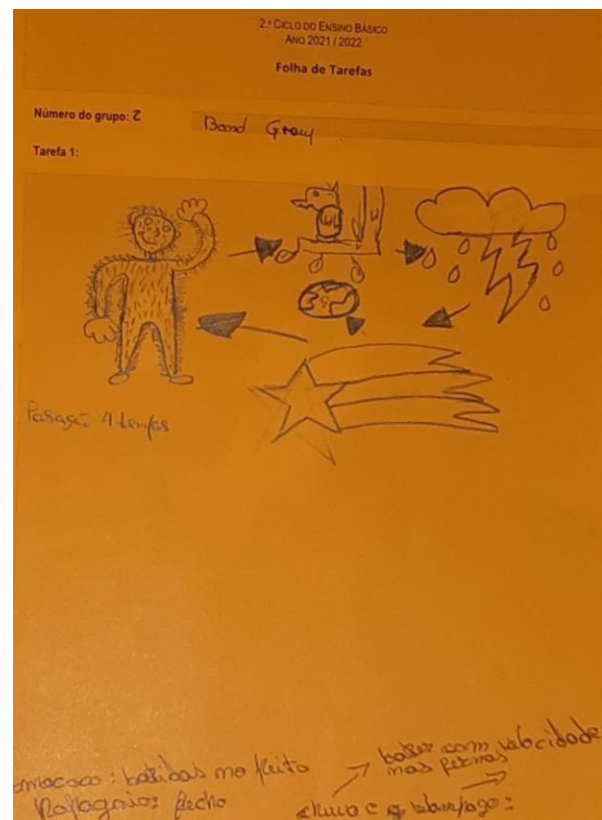
Na hora do debate coletivo, o docente foi questionando aos alunos se todos estavam a fazer a mesma linha rítmica ou se estavam a fazer linhas diferenciadas e, através de questões colocadas, foi possível ver que os alunos por si mesmos chegaram aos conceitos pretendidos de monorritmia e polirritmia.

Na ASA, os alunos juntaram-se em pequenos grupos delineados antecipadamente pelo professor e em conjunto, tiveram o desafio de criar uma peça rítmico-corporal com uma simbologia própria criada por eles. Para o efeito, o professor distribuiu folhas timbradas (ver anexo 2) por cada grupo com a finalidade de no final do tempo estipulado, cada grupo apresentasse aos restantes colegas e explicassem a simbologia geral (ver figura 11). No âmbito observacional, foi interessante ver os alunos a trabalharem em grupo e denotar o uso de ritmos e até mesmo conteúdos que não estavam previstos serem trabalhados naquela aula (dinâmicas<sup>3</sup>, semicolcheia e respetiva pausa<sup>4</sup>). Na hora da apresentação, todos os grupos se mostraram à vontade e compreensivos com os restantes colegas.

Por último, na AS, de modo a completar os conceitos trabalhados, foram apresentados aos alunos alguns vídeos de polirritmia e através de uma reflexão conjunta, emergiram indicadores de que os alunos corresponderam a todos os objetivos propostos antecipadamente na planificação (ver anexo 3).

**Figura 11:** Composição de uma peça rítmica com simbologia não convencional

*Fonte: Alunos*



<sup>3</sup> Dinâmicas fazem referência à intensidade do som;

<sup>4</sup> A Semicolcheia e a sua respetiva pausa, são figuras rítmico-musicais que equivalem a 0,25 tempos, a sua pausa tem a mesma duração.

## 2.2 Compositores

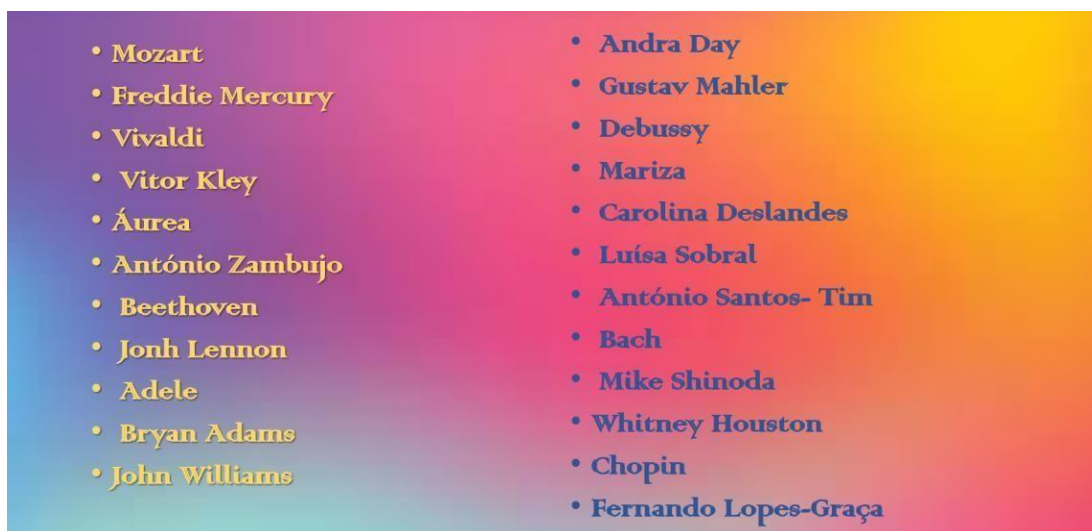
A segunda experiência apelidada de “compositores” foi feita no âmbito do conteúdo programático cultura musical nos contextos (ver anexo 4). Esta atividade levou mais tempo do que o esperado e, prolongou-se pelo segundo período escolar.

Esta experiência, tinha como objetivos desenvolver a criatividade e a imaginação dos alunos e ao mesmo tempo, dar a conhecer diferentes tipos de gêneros e períodos musicais. Assim, a experiência começou pela audição da peça “*Edwings Theme*” do compositor John Williams onde os alunos, em meia-lua, fizeram alguns exercícios de relaxamento ao som da peça. Após isso, sentaram-se no chão e foi aberto um debate guiado pelo professor onde perguntas como “*O que é um compositor? Que género de música estivemos a ouvir? O que sentiram no decorrer desta audição?*” surgiram, entre as mais diferentes respostas a mais comum, foi a de que um compositor é uma pessoa que escreve música.

Após o debate, foi apresentado aos alunos um PowerPoint feito previamente pelos docentes, onde estavam contemplados 23 compositores de períodos e gêneros distintos da música (ver figura 11) com o objetivo de que cada aluno de forma aleatória ficasse com um para trabalhar.

**Figura 12:** PowerPoint com os 23 compositores

Fonte: Autor deste relatório



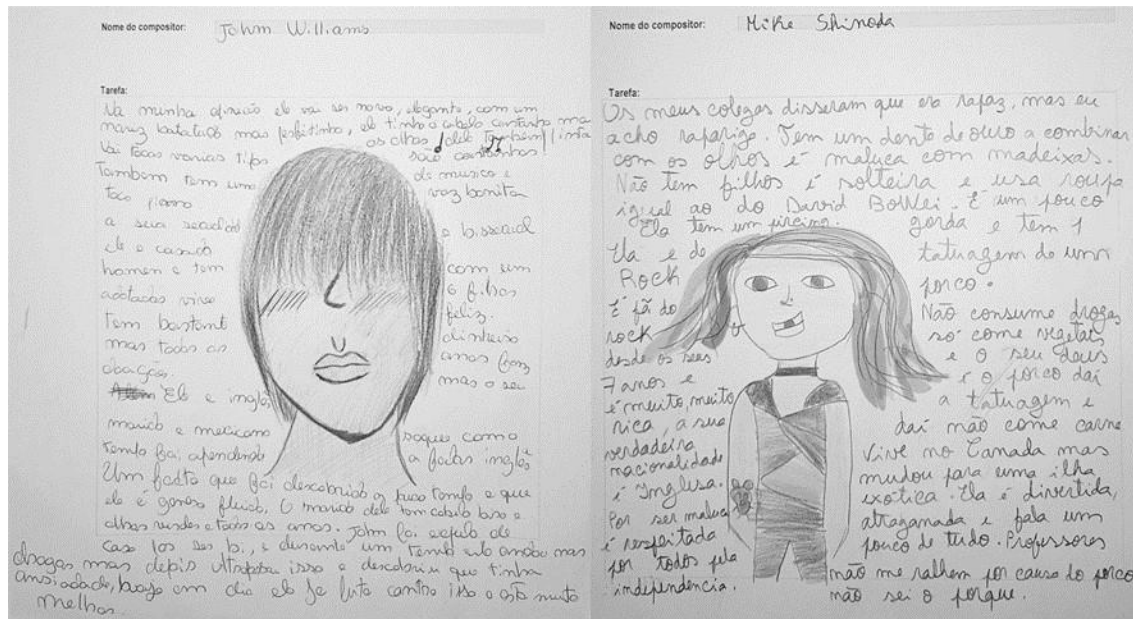
Depois da atribuição dos compositores, passamos a explicar a atividade em si. A atividade consistia em que, cada aluno, conhecendo ou não o compositor que lhes foi atribuído, teria que o desenhar, descreve-lo fisicamente, indicar o seu possível instrumento e o estilo musical a ele associado. (ver figura 13)

**Figura 13:** Caricaturas dos compositores  
*Fonte: Alunos*



Apesar da contestação dos alunos, no final todos fizeram a atividade e, mais uma vez, existiram casos de alunos que tocaram em pontos como a inclusão que diretamente não estava relacionada com a atividade em questão (ver figuras 14 e 15).

**Figura 14 e 15:** A aplicação da inclusão indiretamente na atividade.  
*Fonte: Alunos*



Do ponto de vista pedagógico, esta atividade tinha o intuito de desenvolver o sentido criativo dos alunos e através dele apresentar os conteúdos musicais propostos.

Como complemento à atividade, foi proposto aos alunos que em casa pesquisassem e fizessem uma pequena apresentação do que verdadeiramente cada compositor era, o período a que pertencia e que trouxessem uma música que tivessem gostado do mesmo.

No dia da apresentação, o que mais me despontou à atenção foi o facto dos alunos não terem muito sentido de responsabilidade pois, existiu um caso que chegou a afirmar que tinha sido o pai a fazer o trabalho. Outro aspeto e na minha opinião preocupante, é que os alunos cada vez mais escrevem e falam em Português do Brasil o que por conseguinte, acabou por prejudicar a avaliação dos mesmos nesta atividade.

### 3. This Is Me

“*This is Me*”, é uma atividade musical educativa criada no seio das turmas onde ocorreu a *Prática de Ensino Supervisionada*. Esta atividade, teve como propósito recorrer à EM e trabalhar a temática da inclusão. A motivação para a escolha deste tema teve em conta fatores pessoais isto porque, sempre foi um tema que me chamou à atenção e que na minha opinião, deve ser trabalhado em qualquer área disciplinar.

No campo cognitivo e estrutural das crianças com NEE, a Música e a EM potencializam o desenvolvimento dessas capacidades. Segundo Joly (2003), para além de reforçar a autoestima e respeitar as limitações de cada criança, a música e a EM, conseguem através por exemplo de pequenas canções e exercícios rítmicos, promover o desenvolvimento integral de qualquer criança com deficiência.

A atividade em si passou primeiramente pela escolha de um tema musical que em muito tem a ver com a temática. O tema escolhido foi a canção “*This is Me*”<sup>5</sup> do filme “*The Greatest Showman*” que para além de ser um filme que aborda o tema de uma forma muito assertiva, a própria letra da música em específico, toca nos pontos fulcrais que na minha opinião devem ser abordados aquando se fala da temática da inclusão (ver anexo 5).

Assim, dividi a atividade em 3 fases (ver a tabela 2).

**Tabela 2:** Síntese da divisão da atividade

<b>Fases</b>	<b>Descrição</b>
<b>1.ª Fase</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação de Vídeos sobre a temática Inclusão;</li> <li>• <i>BrainStorming</i> sobre o tema;</li> </ul>
<b>2.ª Fase</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construção do tema colaborativamente;</li> <li>• Ensaios em grupo para uma posterior apresentação;</li> </ul>
<b>3.ª Fase</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do tema para um conjunto de crianças com deficiência;</li> <li>• Reflexão final;</li> </ul>

Numa primeira fase, comecei por mostrar alguns vídeos aos alunos com o intuito de debatermos juntos e através de um Brainstorming, chegarmos a um consenso daquilo que eles pensam que é a inclusão. Comecei então, por mostrar o videoclip original (legendado) da música “*This is Me*” e depois uma versão interpretada por crianças com NEE no programa televisivo *Britain’s Got Talent*. Após a apresentação destes vídeos, questionei os alunos sobre os vídeos através de questões como: “Qual a temática dos vídeos?”; “Já ouviram falar na palavra inclusão?”; “O que acharam das personagens do videoclipe”. Algumas das respostas dos alunos passaram por “*Racismo; Deficiências; Preconceito; Bullying; Igualdade; Respeito ...*”.

<sup>5</sup> O tema “*This is Me*” é interpretado pela atriz e cantora Keala Settle e faz parte do reportório musical do filme “*The Greatest Showman*” de 2017, cujo principal tema é a inclusão e aceitação da diferença.

Após a recolha destas palavras, questionei os alunos de que forma poderia fazer música com uma criança com uma deficiência visual ou auditiva e, se hipoteticamente vissem um colega deles cujo, tivesse ou não uma deficiência isolado, como reagiriam e como efetivamente o iriam incluir. Algumas das respostas à primeira questão foram negativas pelo que procedi à apresentação de um excerto do episódio da série “Glee”<sup>6</sup> onde um coro de alunos surdos interpreta o tema “*Imagine*” do artista *John Lennon*. Face a este vídeo, os alunos afirmaram que as vozes dos personagens eram estranhas e que eles não estavam a cantar, mas sim, a recitar a letra e a fazer gestos com as mãos. Face a esta resposta, procedi à explicação de que o ser humano aprende a falar através da audição daqueles que os envolvem, contudo, devido à deficiência auditiva que eles possuem, os intérpretes nunca tiveram a perceção da sonoridade das palavras e da linguagem, é impossível eles terem uma verdadeira perceção do som das palavras e mesmo com a ajuda da terapia da fala, é um processo muito complicado.

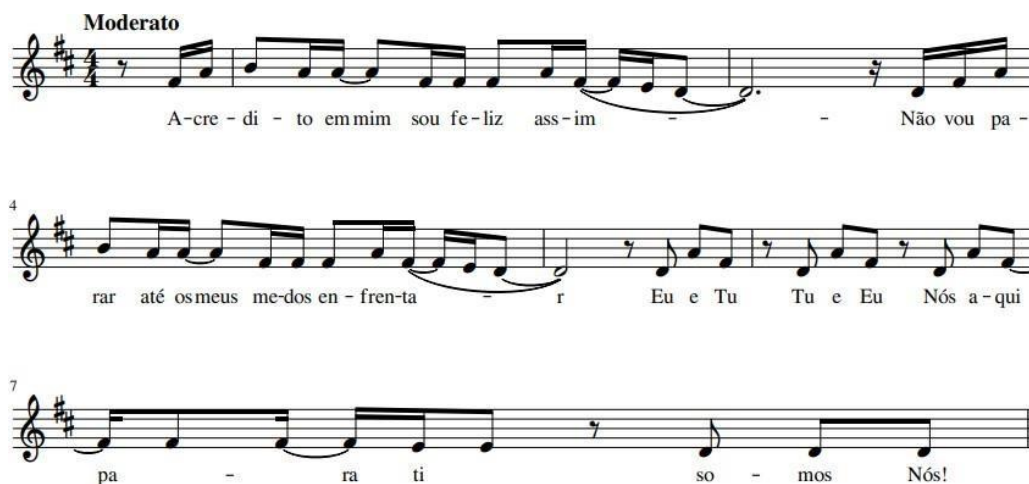
No que toca a aspetos musicais expliquei aos alunos que sim, é possível fazer música com crianças com NEE tenham elas deficiências auditivas, visuais ou motoras isto porque, as pessoas com deficiência auditiva conseguem sentir vibrações então, através da utilização do tato, conseguem sentir a vibração correspondente a uma nota em específico e assim fazer música. Já umas pessoas com uma deficiência visual, atualmente, existem partituras adaptadas em Braille e, através da memorização das mesmas, permitem que a pessoa deficiente visual consiga fazer música. Já as pessoas com deficiência mental, expliquei de entre todas as deficiências, provavelmente esta será a mais difícil de trabalhar porque envolve variáveis como por exemplo, o nível de deficiência que estamos a falar. No entanto, não é impossível fazer música com estas crianças. Já existe tecnologia que através de sensores nos casos mais graves, permite fazer música, todavia, estamos a falar de tecnologia muito cara e inacessível em muitos casos.

Face à questão do colega cujo tivesse ou não uma deficiência e se encontrasse isolado, como reagiriam e como o iriam incluir, os alunos responderam na sua maioria que se dirigiriam até ele e perguntariam se queira brincar com eles.

Terminada esta parte inicial, e ainda sem saberem o propósito desta atividade, propus aos alunos que em casa pesquisassem pequenas frases ou palavras sobre a temática da inclusão para procedermos à construção da letra para a música “*This is Me*” (ver figura 16).

---

<sup>6</sup> Série musical televisiva do ano de 2006 cuja principal temática é a criação de um grupo coral estudantil.



**Figura 16:** Excerto do arranjo da música  
“This is Me”  
Fonte: Autor deste relatório

Algumas das respostas apontadas pelos alunos foram:

- “Uma verdadeira inclusão é provada em ações que realmente abracem a diversidade”; (Al.1)
- “A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades”; (Al.2)
- “Sinceramente para mim, a inclusão é a igualdade entre os diferentes indivíduos que vivem numa sociedade”; (Al.3)
- “A inclusão é o ato de incluir e acrescentar, ou seja, adicionar coisas pessoas a grupos que antes não faziam parte”; (Al.4)
- “São as diferenças que nos tornam iguais”; (Al.5)
- “Todas as diferenças são impossíveis de incluir menos, as do caráter”; (Al.6)
- “Integração absoluta de pessoas que possuem NEE numa sociedade”; (Al.7)

Apesar de terem tido o recurso da internet para a pesquisa, na minha ótica e através da análise das respostas, detive que os alunos conseguiram selecionar os pontos que eu tinha previsto previamente. Pontos estes como a diversidade, a diferença e a igualdade que serviram de auxílio para a construção do tema.

Terminada assim a primeira fase da atividade, demos início à segunda parte. A segunda fase da atividade correspondeu à construção da letra para a música que será apresentada na terceira e última fase. Para esta fase, os alunos procederam à construção colaborativa do tema ouvido na aula anterior. Durante esta fase, os discentes tiveram o desafio não só de construir a letra, mas também, construí-la de modo que esta fosse de encontro à métrica e forma da canção escolhida. A construção da letra (ver anexo 6) não foi um processo tão demorado como eu estava a espera e levou unicamente duas aulas de 90 minutos a ser feita. Ainda nesta fase, a ideia inicial era possibilitar a inclusão de crianças com deficiência no processo da construção do tema, contudo, devido aos entraves que a escola impôs, não foi possível cumprir com esse objetivo. Assim sendo, só foi possível contar com a presença dos mesmos no momento da apresentação final e unicamente durante 15 minutos. Outro exemplo claro de entraves, foi o excesso de atividades extracurriculares que os alunos tinham que não só limitou o tempo estipulado para o efeito, como também, não permitiu levar a cabo todos os objetivos da atividade (introdução dos xilofones na peça).

A última fase, foi destinada à apresentação do tema e aqui, conseguimos ter conosco então 3 alunos de diferentes turmas de EE para assistir. Uma vez que só conseguiram estar 15 minutos presentes, pedi a um aluno que muito sucintamente explicasse aos alunos da turma de EE, a atividade e o seu propósito. Após isto e sem mais demoras procedemos à apresentação. Na hora da apresentação, os alunos mostraram-se muito empenhados naquilo que estavam a fazer. Ainda neste momento, dois alunos pediram para acompanhar o tema com as guitarras e um outro grupo se podiam fazer uma coreografia que tinham montado no recreio para o tema em questão. Face a estes pedidos denotei bastante empenho e entusiasmo pela parte deles.

Apesar de todos os entraves e da atividade não ter saído da forma que inicialmente tinha pensado, na minha opinião acho que consegui chegar ao objetivo principal que era o de sensibilizar os alunos através da EM para a inclusão. Através do debate final depreendi isso mesmo, a postura dos alunos face a esta questão foi completamente diferente da inicial dizendo mesmo que *“Com esta atividade conseguimos aprender que realmente somos todos iguais e que devemos aceitar todas as diferenças pois, com um gesto tão simples de certeza que alegramos o dia de 3 pessoas.”* (Al. 8).

## 4. Análise Reflexiva

No decorrer da minha atividade profissional enquanto estagiário, acho pertinente refletir sobre alguns pontos denotados no decorrer do ano letivo. Dentre os quais destaco 5 pontos que irei desenvolver no decorrer desta análise reflexiva. Destaco assim, como pontos chave: **(i) *Desenvolvimento pessoal e autonomia***; **(ii) *Consciência e domínio do corpo***; **(iii) *capacidade de escrita e linguagem***; **(iv) *Sentido de Responsabilidade dos alunos***; **(v) *Respeito e integridade para com o outro***.

No que concerne ao ponto (i) ***Desenvolvimento pessoal e autonomia***, sendo esta uma das áreas de competência presente no documento PASEO e por consequente no documento AE-EM, os presentes documentos afirmam que os alunos devem ser capazes de “(...) estabelecer objetivos, traçar planos e concretizar projetos, com sentido de responsabilidade e autonomia (...)” (Perfil dos alunos à saída da Escolaridade Obrigatória, 2017, p.26) e, “ (...) procurar soluções diversificadas como resposta a situações várias (...)” (Aprendizagens Essenciais-Educação Musical 2.ºCiclo, 2018, p.9). Ao transportar estas ideias e articulando-as com a ideia do raciocínio hipotético-dedutivo de Piaget, uma criança aos 11 encontra-se no estágio das operações formais que, por outras palavras, significa que uma criança neste intervalo de idades (11-16 anos), deve ser capaz de resolver problemas, realizar trabalhos sem um suporte concreto, formular e verificar hipóteses e deduzir as suas consequências.

No decorrer do ano letivo e através das diversas atividades desenvolvidas no mesmo, denoto que a nível do raciocínio hipotético-dedutivo, existe uma certa carência e dificuldade pela parte dos alunos em resolver de forma autónoma algumas tarefas e problemas propostos bem como, encontrar diferentes hipóteses que colmatassem as dificuldades evidenciadas.

No que diz respeito ao ponto (ii) ***Consciência e domínio do corpo***, também este parâmetro está evidenciado no PASEO e no AE-EM. Resumidamente, para ter consciência e domínio do seu corpo, os alunos devem ser capazes de realizar uma série de atividades podendo elas ser, ou não ser locomotoras e manipulativas bem como, ter oportunidade de explorar e realizar uma série de atividades que proporcionem o desenvolvimento das habilidades associadas a este domínio. Para tal, tanto o PEM como o documento AE-EM, defendem estratégias que possibilitem ao aluno compreender o desenvolvimento corporal como um todo. A par de exemplo temos o conceito *ritmo* que através dos seus diversos conteúdos, é capaz de proporcionar e desenvolver o domínio *Experimentação*

e *Criação* que funciona como principal motor de desenvolvimento deste ponto. Face a isto, e tendo em conta os documentos orientadores do processo de aprendizagem, durante o ano letivo na grande parte das aulas dadas, existiam exercícios que proporcionassem o desenvolvimento do corpo e da coordenação do mesmo. *Dalcroze*, por exemplo, é um dos vários pedagogos que defende o ensino da música através do movimento corporal pois, através dele, o aluno será capaz de experimentar certas sensações físicas associadas à música que resultam no desenvolvimento da criatividade e da expressão de cada um (Mateiro & Ilari, 2012). Contudo, a capacidade de resposta dos alunos em relação à literatura fica muito aquém e, quando algumas ideias são transportadas do papel para a realidade, o caminho torna-se muito sinuoso e cheio de obstáculos. Pela experiência retirada no decorrer das diversas atividades construídas e elaboradas, retirei que os alunos no âmbito do domínio corporal têm diversas dificuldades no que toca à pulsação e até mesmo, na execução de alguns ritmos propostos.

No âmbito do ponto (iii) ***Capacidade de escrita e linguagem*** os documentos orientadores do processo de ensino/aprendizagem afirmam que os alunos devem ser capazes de dominar as competências de expressão oral e escrita, isto é, no que toca às competências de leitura e escrita da língua materna (Português) para alunos de 2.º ciclo do ensino básico, os mesmos apresentavam diversas dificuldades. Ao longo do ano, deparei-me com situações de escrita/linguagem em que era utilizado o acordo ortográfico do Português do Brasil o que por consequente em trabalhos era originário de diversos erros ortográficos. No que diz respeito à escrita e linguagem musical, o domínio da Experimentação e criação do AE-EM afirma que os alunos de 2.º ciclo devem “(...) Compor peças musicais com diversos propósitos, combinando e manipulando vários elementos da música (...)” (Aprendizagens Essenciais-Educação Musical 2.º Ciclo, 2018, p.7) logo, parte-se do princípio que os alunos terão adquirido as habilidades necessárias em questão nos anos transatos contudo, na realidade existe uma certa discrepância entre aqueles que dominam a linguagem musical e aqueles que não a dominam tornando-se assim muitas vezes, complicado encontrar um meio termo aquando se planificam certas atividades que têm como objetivo o desenvolvimento destas áreas em específico.

Relativamente ao ponto (iv) ***Sentido de Responsabilidade dos alunos***, quando se fala em responsabilidade referimo-nos “(...) à condição ou qualidade de alguém em ser responsável (...)” (Normando, 2012, p.251). Portanto, quando se atribui uma responsabilidade a alguém se presume que essa pessoa será cumpridora dessa responsabilidade que lhe foi atribuída. Ao transportar esta ideia para o contexto escolar, a responsabilidade é um dos valores cujo deve

ser encorajada através de atividades escolares onde alunos devem procurar pôr em prática este e muitos outros valores associados. Ainda assim, e apesar de ter sido desenvolvida no decorrer das diversas atividades, houve casos em que foi possível verificar a falta dela. Tratando-se de crianças que se encontram no estágio das operações formais onde as consequências das suas ações são ponderadas e colocadas em cima da mesa, alguns alunos demonstravam não ter ciente a consequência da falta de responsabilidade por exemplo, na entrega de um trabalho, ou na perda de material fornecido pelos docentes de uma aula para a outra e que implicações isso teria na sua avaliação final.

Em relação ao ponto (v) *Respeito e integridade para com o outro*, sendo este o foco principal deste relatório não poderia de deixar de refletir sobre ele. Este ponto para além de ser um dos valores presentes e defendido pela disciplina de EM, é um valor transversal a todas as áreas disciplinares e presente em diversos documentos e despachos do ministério (Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória, 2017; Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho de 2018). Em suma, a entidade escolar, pretende com este valor que o aluno durante todo o seu percurso escolar aprenda a valorizar o respeito pela dignidade humana, a ser solidário para com o outro, a respeitar a diversidade cultural, a conhecer e respeitar todos os princípios fundamentais inerentes a uma sociedade democrática e a rejeitar todas e quaisquer formas de exclusão ou discriminação social/cultural. Sendo este o enfoque de todo o meu trabalho enquanto professor estagiário das turmas, as planificações de aulas levaram em conta estes mesmos propósitos. Em todas as atividades os alunos tinham de diretamente ou indiretamente pôr em prática este valor. Durante as atividades propostas em sala de aula, ouvir o outro e respeitar a opinião dos colegas foi um processo contínuo construído ao longo do ano. Como falamos de crianças com idades compreendidas entre os 11 e 13 anos, e por isso dentro do estágio das operações formais, já existe a compreensão pela parte dos alunos de que “o outro” pode ter opiniões contraditórias às nossas.

No espaço destinado à reflexão final da aula e durante os debates feitos, os próprios alunos sabiam respeitar a opinião alheia e argumentar muitas vezes com histórias pessoais o seu ponto de vista o que, muitas vezes, se deu oportunidade a conclusões muito interessantes.

***CAPÍTULO IV***  
***REFLEXÃO SOBRE AS COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS***



## 1. O PROCESSO DE BACKSTAGE QUE NÃO É VISTO

Após o primeiro contacto com a arte da docência, retiro que o processo de aquisição das competências profissionais encontra-se somente no início.

Por competências, entende-se “(...) um certo número de traços particularizáveis evidenciados na ação, que podem ser observados e descritos sem que necessariamente se lhes tenha que atribuir um valor (...)” (Esteves, 2009, p.39). Mas afinal que competências é que um docente enquanto pedagogo deve construir e desenvolver ao longo da sua carreira? Perrenoud (2000), destaca uma série de 10 competências que cada docente deve ter presente durante a sua carreira profissional desde o primeiro contacto com a profissão (estágio), até ao término das suas funções (aposentadoria). Dentre as quais destaco: (i) Organizar e dirigir situações de aprendizagem; (ii) Administrar a progressão das aprendizagens; (iii) Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; (iv) Envolver os alunos na sua aprendizagem e no seu trabalho; (v) Trabalhar em equipa; (vi) Participar na administração da escola; (vii) Informar e envolver os pais; (viii) Utilizar novas tecnologias; (ix) Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; (x) Administrar a sua própria formação contínua. No entanto, a construção e o desenvolvimento destas competências, é um processo que requer operações mentais por vezes complexas que nos permitam a nós docentes, responder de forma rápida e o mais correta possível às situações a que somos expostos. Por outras palavras, a aquisição de competências é um todo processo de “Backstage que não é visto”. As situações de sala de aula não fogem muito desta realidade. Existem séries de acontecimentos que saem fora do nosso controlo e que não estão de todo planificadas. Situações estas, que requerem um certo domínio de competências para podermos responder de forma rápida. O chamado “*truque da manga dos professores*”<sup>7</sup>.

Na área da EM, essas situações são mais recorrentes. Quantas vezes, existiram aulas que ficaram por dar devido ao excesso de atividades extracurriculares que os alunos tinham. Quantas vezes o que foi planificado não foi cumprido porque pensávamos que a turma responderia ao que era proposto, contudo não respondeu. Quantas vezes chegávamos à hora da aula com tudo planeado e um outro docente pedia a hora destinada à nossa disciplina para fazer revisões ou entregar testes. Estas foram apenas algumas das situações do “*Backstage que não foram vistas*” e que aconteceram durante estágio e que tanto dificultaram e impediram algumas atividades.

<sup>7</sup> Expressão da responsabilidade do autor deste relatório.

Na minha opinião enquanto professor estagiário e no processo da construção do meu “*Eu profissional*”, para além de todos os benefícios retirados deste ano, acho pertinente refletir nestas questões. Muitas destas situações são gerais e transversais às outras áreas disciplinares, no entanto, existem algumas específicas que são gerais às áreas disciplinares das artes das quais a EM faz parte. Situações estas, que dizem respeito à desvalorização e a visão que o ministério da educação, os pais e até mesmo os próprios professores das outras disciplinas têm em relação à nossa área disciplinar. De acordo com Mota (2015, citado em Palheiros, 2020, p.133), “(...) os sucessivos Ministérios da Educação impediram que a Educação Musical se estabelecesse em paridade como outras disciplinas curriculares (...)”. Estes tipos de comportamentos na sua grande generalidade levam à desmotivação dos professores de EM pois “(...) o trabalho de um professor é um processo de receber e dar reconhecimento (...)”<sup>8</sup> (Huttunen & Heikkinen, 2002, p.164) coisa que na nossa área muitas vezes não acontece.

Outro fator significativo é o nível de aprendizagem que os alunos deveriam ter neste ciclo de ensino e que infelizmente muitos não o possuem. Face a este fator, na minha opinião, a utilização de um programa que já está em vigor desde 1991 que de certa forma está ultrapassado dificulta as coisas pois, centrar a aprendizagem em apenas 5 conteúdos, limita de facto, os professores na medida em que os leva a escolher o repertório musical em função desses conceitos específicos. Outra das razões apontadas e defendida por Ilari (2016) é o facto de que os professores de EM depreendem que as crianças começam a aprender música a partir daquele momento descurando assim, todas as experiências anteriormente adquiridas nos diferentes contextos.

Posto isto e para além de todos estes aspetos que na minha opinião são transversais à nossa disciplina, o período de estágio trouxe também diversos benefícios e aprendizagens. Entre muitas outras coisas, o período de estágio veio clarificar alguns aspetos que anteriormente eram só teoria e que a partir desse momento viraram prática. A partir deste momento, eramos responsáveis por duas turmas, por 45 alunos. A partir deste momento, tudo o que fizéssemos na nossa sala de aula, todas as atividades que fossem planeadas e todas as decisões tomadas em sala de aula, tinham de ser bem pensadas e cientes de que de uma forma ou de outra, iriam interferir na educação destas crianças. Certo é, que como qualquer ser humano, cometeram-se gafes técnicas de conteúdos, mas foi com essas gafes que de dia para dia, e de aula para aula fomos melhorando e tentar ao máximo que estes não fossem repetidos.

<sup>8</sup> Tradução da responsabilidade do autor deste relatório “(...) A teacher’s work is a process of receiving and giving recognition (...)” (Huttunen & Heikkinen, 2002, p.164)

Também este foi um processo de “*Backstage que não foi visto*”, mas que na minha opinião considero importante no meu processo de aprendizagem enquanto professor.

## 2. Vê UM, FAZ UM, ENSINA UM

“*Vê um, faz um, ensina um*”. Começo esta reflexão com esta frase de uma série televisiva e que para mim faz todo o sentido enquadrá-la neste momento. Quantas vezes em crianças, assistimos a alguma atitude de um adulto quer seja ela boa ou má e logo de seguida a replicamos? Quantos de nós não viram ou aprenderam algo como tradições, pratos gastronómicos, entre outras muitas coisas com os seus avós e que mais tarde, poderão transmitir aos seus filhos. Na área da educação, as coisas não são muito diferentes. É certo que, dentre todas as atividades feitas durante o ano letivo, terá ficado gravado na memória destas crianças alguma música, alguma atividade, algum jogo que fizeram naquela aula de EM e quem sabe, talvez alguns deles venham a tornar-se professores e possam também eles pôr em prática algumas destas atividades com os seus futuros alunos. Por exemplo, no meu caso pessoal, muito antes de seguir ensino superior em música, comecei a minha aprendizagem musical numa banda filarmónica. Nesta banda filarmónica vi o meu professor de instrumento e formação musical a tocar certo repertório, posteriormente ele ensinou-me esse mesmo repertório do qual também eu aprendi e mais tarde, quando assumi a função de ensinar os mais novos na escola de música da banda, eu próprio, utilizei métodos, técnicas e repertório musical que o meu professor me tinha ensinado lá atrás para ensinar os mais novos. Portanto, “*Vê um, faz um, ensina um*”.

Não descurando que de facto, é preciso investigar em novos métodos. Não nos esqueçamos que a área da educação, está sempre em constante desenvolvimento e por isso, como docentes, devemos sempre estar atualizados e ir à procura de novos métodos e novas atividades que levem em conta cada turma, cada aluno.

Na atualidade, é certo que o mundo viaja a uma velocidade muito rápida o que conseqüentemente, torna muito complicado a planificação de atividades que vão de encontro à inclusão de todos os alunos. A diversidade cultural e religiosa nas escolas, a crescente inclusão de crianças com NEE nas turmas regulares torna fundamental que cada professor planifique as suas atividades tendo em conta estes aspetos. É um processo complicado? Sim, de facto é e por isso, na minha opinião, ser-se professor é um processo contínuo e que nunca se chega a concluir, é um processo dependente de muita força de vontade e descoberta, esforço, estudo e dedicação

que requer investimento não somente da parte do ministério através de ações que incentivem a formação de professores, mas também da parte pessoal pois, apesar do término da formação inicial, não devemos parar por aí e, devemos continuamente procurar investir em formações, workshops, conferências e outras do tipo que possibilitem a construção de novo conhecimento, novas práticas, novas metodologias.



## ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

Com o término da Prática de Ensino Supervisionada e da redação deste relatório, considero que o conjunto de todas as experiências de ensino- aprendizagem foram, sem dúvida, essenciais para a construção do meu “*Eu docente*”. Efetivamente, é apenas o início da jornada e que daqui para a frente, muita coisa ainda estará para vir, para acontecer, para partilhar, mas sobretudo, para aprender.

A certeza de que a postura pedagógica adotada neste ano de estágio não será a mesma num próximo ano letivo, a maturidade profissional que será construída a cada dia que passa, as pedagogias adotadas, as atividades feitas, a maneira de ser. Coisas que daqui a uns anos e fruto da experiência que se irá adquirir, serão fatores resultantes de um processo de contínua construção e desenvolvimento profissional, fundamental na construção do meu “*Eu docente*”.

No decorrer de toda a PES, sempre tentei ao máximo ir de encontro aos valores que me foram transmitidos durante todo o meu percurso como estudante e, pegando nas referências quer tenham elas sido boas ou más, selecioná-las de maneira que pudesse proporcionar aos meus alunos uma aula de mil descobertas, onde aluno e professor aprendem um com outro, onde as opiniões de todas são respeitadas, onde se pudesse aprender música fazendo música. É certo que nem sempre foi fácil e houve um extenso trabalho por trás de tudo isso. Muitas vezes a escassez de ideias para planificar uma aula aconteceu, muitas vezes o facto de um conteúdo ser teórico e de modo a torná-lo prático foi realmente complicado e dependeu de certas habilidades adquiridas na formação inicial e aqui, destaco a importância da mesma pois, foi graças a ela que desenvolvi a capacidade de responder a essas situações e questões como estas apontadas anteriormente. Outra questão importante e que a formação inicial me deu alavanca para responder, foi sem dúvida, a capacidade de resposta a certos tipos de questões emergentes na sociedade atual, questões estas, que atualmente são cada vez mais emergentes pois, vivemos num mundo onde o processo de globalização e multidimensionalidade são temas cada vez mais emergentes e que para nós docentes ao mesmo tempo que se torna uma dificuldade, é também um desafio na hora de planificar porque, obrigar-nos-á a procurar e investigar novas atividades para tornar as nossas aulas, aulas de “(...) mil descobertas (...)” (Shaffer, 1992 pp. 277-278).

Face ao tema fulcral deste relatório, a *Inclusão*, concluo que através de todo o trabalho desenvolvido pelos alunos, considero que os alunos sabiam o que era a inclusão apenas, não sabiam até à data defini-la como tal. Foi interessante assistir no debate conjunto, os alunos a trazerem experiências pessoais muitas vezes até familiares para dentro do tema o que me fez crer, que os alunos ficaram com boas bases daquilo que é a inclusão e que realmente, a música é para todos e para qualquer um não importando, raça, cor, cultura, especificidade ou religião.

Em suma, como docente acho importante transportar temas importantes da atualidade para dentro da sala de aula e no âmbito da EM, através desses temas fazer música. Sensibilizar os mais jovens através da música, e tratar temas importantes de forma musical, inculcar valores importantes da sociedade através da música fará com certeza, que estes jovens num futuro se tornem bons cidadãos, respeitadores e aceitadores da diferença.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais | Articulação com o Perfil dos Alunos-2.º Ciclo do Ensino Básico Educação Musical*.  
<https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>
- *Associação Portuguesa de Educação Musical*. (2016-30-04). *Que Educação Queremos? Repensar o lugar da Música no currículo do séc.XXI* [Paper presentation]. Conferência Currículo do Séc XXI: competências, conhecimentos e valores. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. [www.apem.org.pt](http://www.apem.org.pt)
- Barreira, G. (2006). *Concepções de professores cooperantes sobre a profissão docente e as competências profissionais do professor do 1.º ciclo: Estudo exploratório*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Bondía, L. J. (2002). *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. *Revista Brasileira de Educação*. (19), páginas 20-27. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>
- Carlos, J., & Ferreira, F. (2003). *Reflexões sobre o ser professor: a construção de um professor intelectual*. [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)
- César, M. (2003). *A escola inclusiva enquanto espaço-tempo de diálogo de todos para todos*. In David Rodrigues (Org.), *Perspectivas sobre a inclusão. Da educação à sociedade*. Porto: Porto Editora.
- Correia, L. M. (1997). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. (2.ª ed.). Porto Editora.
- Cunha, P. (2007). *A formação Inicial de Professores- algumas reflexões*. *Revista Portuguesa de História*, 39, 107-119. <http://hdl.handle.net/10316.2/28246>
- Da, E., & Mesquita, C. (2010). *Formação inicial, profissão docente e competências para a docência: a visão dos futuros professores* *First-cycle training, the teaching profession and competences for teaching: a vision of future teachers*. 2(1). <http://www.eduser.ipb.pt>
- Dewey, J. (1938). *Experiência e Educação*. (15.ª ed.). Nacional;
- Estrela, M. (2010). *Profissão Docente*. (1.ª ed.). Areal Editores.
- Fonseca, V. (1995). *Educação especial-Programa de Estimulação Precoce: Uma introdução às Ideias de Fuerstein*. (2.ª ed.). Editorial Notícias
- Flores, M. A. (n.d.). SUPERVISÃO 2020 II Congresso Nacional e I Internacional de Supervisão: Políticas e Práticas Desenvolvimento profissional em contexto de

supervisão: um processo em dois sentidos? 1 Teacher professional development in contexts of supervision: a two-way process? *Indagatio Didactica*, 13(4), 2021.

<https://doi.org/10.34624/id.v13i4.26272>

- Flores, P. Q., & Escola, J. (2008). *Deles para eles: quando os processos se tornam produtos e de novo processos View project Different approaches to seniors (retirees) education View project*. <https://www.researchgate.net/publication/291523490>
- Hummes, J. (2004). Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. *Associação Brasileira de Educação Musical*, (11), 17-25.  
[http://abemeducacaomusical.com.br/revista\\_abem/ed11/revista11\\_completa.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed11/revista11_completa.pdf)
- Ilari, B. (2016). Music in the early years: Pathways into the social world. *Research Studies in Music Education*, 38(1), 23–39. <https://doi.org/10.1177/1321103X16642631>
- Imbernón, F. (2011). *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. (9.<sup>a</sup> ed.). Cortez Editora.
- Joly, I. (2003). Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos. *Revista de Educação da Universidade de Santa Maria*, 28 (2), 2-3. <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/4166>.
- Joly, M. (2018). *A construção da identidade profissional do professor de Música para a escola de Educação Básica*. (Pós-Graduation thesis, Universidade Federal de São Carlos). Repositório da Universidade Federal de São Carlos. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9547>.
- Jorgensen, E. (2021). *Values and Music Education*. (1.<sup>a</sup> ed.). Indiana University Press.
- Lemosse, M. (1989). Le “professionnalisme” des enseignants : le point de vue anglais. In *Recherche et Formation*. (pp.55-66) Institut National de Recherche Pedagogique. <https://doi.org/10.3406/refor.1989.982>
- Lopes, J. et al., (2017). Contributos para a compreensão do fenómeno das orquestras juvenis. In Lopes, Mota, Veloso & Teixeira (Eds), *Música e inclusão social* (pp.21-39). CIPEM. <http://hdl.handle.net/10400.22/10910>
- Esteves, M. (2009). Construção e desenvolvimento das competências profissionais dos professores. *Sísifo/Revista de Ciências da Educação*, 8, 37-38.

- Mateiro, T., & Ilari, B. (2012). *Pedagogias em Educação Musical* (1.<sup>a</sup> ed.). Editora Intersaberes.
- Merriam, A. (1964). *The Anthropology of Music*. (1.<sup>a</sup> ed.). Northwester University Press.
- Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais*. Departamento de Educação Básica. <http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/sobre-o-projecto/documentos-de-referencia/index.html>
- Normando, P. (2012). Um breve estudo sobre o conceito de responsabilidade. *Intuitio*, 5 (2), 249-265. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/intuitio/article/view/11495>
- Nóvoa, A. (1995). Formação de professores e profissão docente. In *Os professores e sua formação*. (pp.13-33). Dom Quixote.
- Nóvoa, A. (2009). Educação 2021: Para uma História de Futuro. Universidade de Lisboa. <https://repositorio.Ul.Pt/handle/10451/670>.
- Palheiros, G. (1993). *Educação Musical no Ensino Preparatório: Uma Avaliação Do Currículo*. (1.<sup>a</sup> ed.). Associação Portuguesa de Educação Musical.
- Palheiros, G., & Boia, P. S. (2020). *Desafios em Educação Musical*. Instituto Politécnico do Porto. Escola superior de Educação. CIPEM/INET-md. <http://hdl.handle.net/10400.22/16995>.
- Papalia, D., & Feldman R. (2013). *Desenvolvimento Humano* (12.<sup>a</sup> ed.). Livia Allgayer Freitag.
- *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. (2016). Ministério da Educação. <https://www.dge.mec.pt/noticias/perfil-dos-alunos-saida-da-escolaridade-obrigatoria>
- Perrenoud, P. (1999). *Dix nouvelles compétences pour enseigner: Invitation au voyage* (1.<sup>a</sup> ed.). Paris: ESF.
- Porto Editora. (2003) *Infopédia Dicionários*. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/globaliza%C3%A7%C3%A3o>
- Queiroz, A. (2018, junho, 20-22). *Educação Inclusiva: A música como projeto de inclusão Social* (Paper presentation). II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas. Teresina/Piauí. Disponível em: <https://sinespp.ufpi.br/2018/upload/anais/NTAy.pdf?012336>

- Reigado, J. (2018). Novos referenciais curriculares e implicações na Educação Musical. *Revista Portuguesa de Educação Musical*, 144, 12-22.
- Roldão, M, C., (2000). *Currículo e Gestão das Aprendizagens: as palavras e as Práticas*. CIFOP. Universidade de Aveiro, pp.1-26.
- Roldão, M, C., et al., (2018). *Currículo do Ensino Básico e d Ensino Básico: Para a construção de Aprendizagens Essenciais baseadas no Perfil dos Alunos*. Autonomia e Flexibilidade Curricular. Direção Geral da Educação. Disponível em: <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais> .
- Sacristán, G. (1999). *Poderes instáveis em educação*. (1.ª ed.). Artmed.
- Sanz del Rio (1985). *Integración escolar de los deficientes*. *Panorama internacional*. (1.ª ed). Real Patronato de Educación y Atención a Deficientes.
- Schafer, M. (1992) - *O ouvido pensante*. (1.ª ed.). Editora Unespe.
- Shulman, L, S., (1997). *Knowledge and Teaching: Foundations of the New Reform*. (Vol.57 N. 01) Harvard Educational Review;
- Soder, M. (1981). “Notre tâche consiste à amener les handicapés au sein de la communauté dont ils ont été exclus”. *Le Courrier de l’unesco*, 34, (6), 20-22. [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000074741\\_fre](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000074741_fre)
- Silva, M. (2009). Da Exclusão à Inclusão: Conceções e Práticas. *Revista Lusófona de Educação*, 13 (13), 135-153.
- Thomas, B, R. (1970). *Manhattanville Music Curriculum Program*. Manhattanville College, Purchase, New York.
- Vieira, F. (2018) Formando professores reflexivos através da investigação no estágio. *Revista Internacional de Formação de Professores, Itapetininga*, v. 4, n. 1, p. 47–67. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/192>.
- Wolfensberger, W. (1972). *The Principle of Normalization in Human Services*. (1.ª ed.). National Institute of Mental Retardation.



---

## LEGISLAÇÃO PORTUGUESA CONSULTADA

- *Decreto Lei n.º 6/2001 de 18 de janeiro do Ministério da Educação.* Diário da República: I-A série, N.º 15 (2001). Acedido a 28 de janeiro de 2022. Disponível em [www.dre.pt](http://www.dre.pt).
- *Decreto Lei n.º 240/2001 de 30 de agosto do Ministério da Educação.* Diário da República: I série, N.º 201 (2001). Acedido a 5 de dezembro de 2021. Disponível em [www.dre.pt](http://www.dre.pt).
- *Despacho n.º 17169/2011 de 23 de dezembro de 2011 do Ministério da Educação.* Diário da República: II série, N.º 245 (2011). Acedido a 02 de março de 2022. Disponível em [www.dre.pt](http://www.dre.pt).
- *Despacho n.º 6478/2017 de 26 de julho de 2017 do Ministério da Educação.* Diário da República: II série, N.º 143 (2017). Acedido a 27 de janeiro de 2022. Disponível em [www.dre.pt](http://www.dre.pt).
- *Decreto Lei n.º 54/2018 de 6 de julho de 2018 do Ministério da Educação.* Diário da República: I série, N.º 129 (2018). Acedido a 11 de maio de 2022. Disponível em [www.dre.pt](http://www.dre.pt).
- *Decreto Lei n.º 55/2018, de 18 de julho de 2018 do Ministério da Educação.* Diário da República: I série, N.º 129 (2018). Acedido a 28 de janeiro de 2022. Disponível em [www.dre.pt](http://www.dre.pt).
- *Despacho n.º 7415/2020 de 24 de julho de 2020 do Ministério da Educação.* Diário da República: II série, N.º 143 (2020). Acedido a 5 de dezembro de 2022. Disponível em [www.dre.pt](http://www.dre.pt)

*Anexos*

**Anexo 1:****INVENTÁRIO DE MATERIAL DA  
ARRECADAÇÃO DE EDUCAÇÃO MUSICAL****Ano Letivo 2014/2015****Disciplina: Educação musical**

<b>MATERIAL</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
Xilofone baixo	1	
Xilofone contralto	3	
Xilofone soprano	1	
Metalofone baixo	1	
Metalofone contralto	2	Falta placa
Metalofone soprano	1	
Jogo de sinos	6	Falta lâmina Si
Jogo de sinos cromático	1	
Lâminas de metalofone suplentes	9	
Lâminas de xilofone suplentes	9	
Bombo grande	1	
Bombo	1	
Tamborim grande	4	
Tamborim pequeno	8	5 Pele danificada
Bongós	2	1 Danificado
Rototone Century mod Rts 6810	1	
Baquetas	20 Pares	
Pandeiretas	2	
Pandeiretas de pele	4	
Prato suspenso	11	
Triângulo	3	
Guizeira	2	
Fita de guizos	2	
Maracas	2 Pares	
Clavas	9 Pares	
Crótalos	1	Danificado
Reco-reco/bloco de dois sons	5	
Castanholas	1	
Caixa chinesa	1	
Monobloco	2	
Quadro pautado	1	
Aparelhagem Philips Fw 350c	1	
Órgão Cásio Wk 3500 com suporte	1	

**INVENTÁRIO DE MATERIAL DA  
ARRECADAÇÃO DE EDUCAÇÃO MUSICAL**

**Ano Letivo 2014/2015**

**Disciplina: Educação musical**

MATERIAL	QUANTIDADE	OBSERVAÇÕES
Flauta de bisel	3	Danificadas
Xilofone baixo	1	Danificado
Timbales	5	1 Inutilizado
Órgão Cásio Ctk 750	1	Inutilizado
Órgão Yamaha	1	Avariado
Órgão Tornado IV	1	Inutilizado
Suporte de órgão em madeira	1	
Banco de piano	1	
Guitarra clássica Alhambra	1	
Estojo de guitarra	1	
Traste para guitarra	1	
Cordas para guitarra	1	
Cordas para cavaquinho	1	
Cordas para bandolim	1	
Cavaquinho com respectivo estojo	3	
Bandolim com respectivo estojo	1	
Palhetas	3	
Método para bandolim	1	
Método para cavaquinho	1	
Melódica alto Hohner	1	
Transformador Hama com adaptadores	1	
Diapasão em suporte de madeira	4	
Castanholas	1	Danificadas
Maracas	1	Sem par
Triângulo	4	Inutilizado
Pratos	5	Danificado
Tamborim	2	Inutilizados



**Anexo 2:**



2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO  
ANO 2021 / 2022

**Folha de Tarefas**

**Número do grupo:**

**Tarefa:**

## Anexo 3:

<b>[REDACTED]</b>	
<b>[REDACTED]</b>	
2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO ANO 2021 / 2022	
ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO	
Plano de Aula n.º 1	
Data: 23 de novembro de 2021	Hora: Das 10h20 às 11h50
Orientador Cooperante: s	Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

### Sumário:

Atividades rítmicas: Monorritmia/Polirritmia;  
Audições;

### Objetivo(s):

**Domínio de referência: Experimentação e Criação/Interpretação e Comunicação/Apropriação e reflexão**

1. Executar células rítmicas em métrica binária;
2. Desenvolver conhecimentos rítmicos;
3. Explorar a criatividade musical através da criação de peças;
4. Apresentar aos colegas as diferentes tarefas desenvolvidas em grupo;
5. Fazer reflexões críticas sobre as atividades elaboradas na sala de aula;
6. Respeitar regras de trabalho em grupo;
7. Desenvolver conhecimentos auditivos;

### Conteúdo(s):

*Ritmo:*

1. Ritmos corporais;
2. Monorritmia e polirritmia;

### Procedimento(s):

#### 1. Atividade de Rotina: 20 min (+/-)

Nesta primeira parte da aula, os alunos irão se colocar de forma aleatória pela sala; após isto, o professor irá começar a atribuir um ritmo corporal a cada um dos alunos com a finalidade de construir uma peça rítmica com diferentes linhas rítmicas; no final do exercício, será pedido aos alunos uma discussão sobre alguns aspectos/conceitos inerentes ao tema que acabaram de executar.

#### 2. Atividade de sala de Aula: 55 min (+/-)

Após o término da atividade de rotina, o professor irá formar grupos de trabalho para passar à próxima atividade. Esta atividade consiste na distribuição de folhas coloridas pelos grupos cujos, terão o desafio de criar uma peça rítmica em conjunto escreve-la através de uma simbologia criada por cada um deles. No final do tempo estipulado, cada grupo por ordem terá de apresentar a sua peça rítmica e a partitura correspondente bem como, fazer uma pequena reflexão conjunta das apresentações.

#### 3. Atividade de Síntese: 15 min (+/-)

Para desfecho da aula, os alunos irão ouvir várias peças rítmicas de grupos diversificados como: *Barabatuques, Stomp, Six Drums one Apartment* da qual recorrem a uma abordagem única da música corporal através de suas composições.

### Recursos:

Materiais: Folhas de papel, lápis, computador, internet, coluna de som portátil, projetor;

### Avaliação:

**Referências Biográficas:**

**Observações:**

**Anexos:**

[https://www.youtube.com/watch?v=dnN6\\_eDipfA&ab\\_channel=barbatuques](https://www.youtube.com/watch?v=dnN6_eDipfA&ab_channel=barbatuques)  
[https://www.youtube.com/watch?v=qTLsRd46-Vc&ab\\_channel=barbatuques](https://www.youtube.com/watch?v=qTLsRd46-Vc&ab_channel=barbatuques)  
[https://www.youtube.com/watch?v=0VGEwhBDOVU&ab\\_channel=MisterMagnus](https://www.youtube.com/watch?v=0VGEwhBDOVU&ab_channel=MisterMagnus)  
[https://www.youtube.com/watch?v=fN5T8y8bCJ4&ab\\_channel=TH](https://www.youtube.com/watch?v=fN5T8y8bCJ4&ab_channel=TH)

## Padrões rítmicos-1

Marco/Liliana

$\text{♩} = 100$

The musical score is written for five staves in 2/4 time, with a tempo marking of quarter note = 100. The notation includes quarter notes, eighth notes, and rests. The first staff has two measures of quarter notes. The second staff has two measures of eighth notes. The third staff has two measures of eighth notes with a quarter rest in the first measure. The fourth staff has two measures of quarter notes. The fifth staff has two measures of eighth notes with a quarter rest in the first measure.

## Anexo 4:

<b>EDUCAÇÃO MUSICAL</b>	
2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO ANO 2021 / 2022	
ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO	
Plano de Aula n.º 4	
Data: 15 de fevereiro de 2022	Hora: Das 15h30 às 17h00
Orientador Cooperante: [REDACTED]	Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

### Sumário:

Atividade prática sobre compositores nacionais/internacionais;

### Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação/Interpretação e Comunicação/ Apropriação e reflexão

1. Identificar compositores;
2. Reconhecer diversos estilos musicais;

### Conteúdo(s):

Cultura musical nos contextos:

- Compositores;

### Procedimento(s):

#### 1. Atividade de Rotina: 20 min

Nesta primeira parte da aula o professor irá colocar o tema "Edwings Theme" de John Williams com o intuito de fazer alguns exercícios de relaxamento com os discentes.

#### 2. Tarefa de aula: 70 min

Após o término da atividade de rotina, o professor irá projetar vários compositores nacionais/internacionais, no qual, cada aluno, escolherá um nome de um compositor presente no quadro e numa folha os alunos terão de desenhar e caracterizar o compositor em questão.

### Recursos:

Materiais: Folhas de papel, lápis, computador, internet, coluna de som portátil, projetor, piano;

### Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo e individuais;  
Interação com o professor estagiário e colegas de turma;

### Referências Biográficas:

[https://www.youtube.com/watch?v=wtHra9tFISY&ab\\_channel=JohnWilliams-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=wtHra9tFISY&ab_channel=JohnWilliams-Topic)

**Observações:**

**Anexos:**

EDUCAÇÃO MUSICAL

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO  
ANO 2021 / 2022

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 5

Data: 15 de fevereiro de 2022

Hora: Das 10h20 às 11h50

Orientador Cooperante: [REDACTED]

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

**Sumário:**

Apresentação de trabalhos sobre compositores nacionais/internacionais.

**Objetivo(s):**

**Domínio de referência: Experimentação e Criação/Interpretação e Comunicação/ Apropriação e reflexão**

1. Investigar diferentes tipos de interpretações musicais;
2. Comparar criticamente estilos e géneros musicais;
3. Identificar criticamente a música;
4. Relacionar a música com o dia a dia;

**Conteúdo(s):**

Culturas Musicais no contexto:

- Géneros e estilos musicais, sua história e contextos;

**Procedimento(s):**

**1. Atividade de Rotina: 10 min**

Nesta primeira parte da aula o professor abriu um debate com os alunos sobre o que estiveram a trabalhar na aula anterior.

**2. Tarefa de aula: 70 min**

Nesta parte da aula, os alunos procederam por ordem, à apresentação dos trabalhos sobre os compositores propostos na aula anterior.

**3. Desfecho da aula: 10 min**

Para desfecho da aula, foi feita uma reflexão conjunta sobre o trabalho desenvolvido.

**Recursos:**

Materiais: Folhas de papel, lápis, computador, internet, coluna de som portátil, projetor;

**Avaliação:**

**Referências Biográficas:**

**Observações:**

Esta atividade não foi concluída no tempo estipulado pelo que, se estendeu por mais 4 aulas.

**Anexos:**

--

## Anexo 5:

<b>EDUCAÇÃO MUSICAL</b>	
2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO ANO 2021 / 2022	
ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO	
Plano de Aula n.º 6	
Data: 29 de março de 2022	Hora: Das 10h20 às 11h50
Orientador Cooperante: [REDACTED]	Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

### Sumário:

Atividade prática: Inclusão.  
Audições.

### Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação/Interpretação e Comunicação/ Apropriação e reflexão

1. Cantar e criar letras em grupo através de uma melodia pré-existente;
2. Desenvolver espírito crítico sobre o conceito de inclusão;
3. Refletir sobre problemas atuais através da música;

### Conteúdo(s):

#### Forma:

- Forma AB e ABA.

### Procedimento(s):

#### 1. Atividade de Rotina: 20 min

Nesta primeira parte da aula o professor irá mostrar alguns vídeos aos alunos para no final de cada um, comentar o que achou dos vídeos vistos. O tema principal destes vídeos será a inclusão e o seu principal objetivo será sensibilizar os alunos para a possibilidade de fazer música com todos. Após os comentários e em conjunto com o professor, os alunos farão um pequeno *brainstorming* sobre o conceito de inclusão.

#### 2. Tarefa de aula: 60 min

Após o término da atividade de rotina o professor, irá dividir os alunos por grupos e vai pedir aos mesmos que, através da melodia da música "This is me" - Keala Settle, em grupo desenvolvam uma letra cujo tema será a inclusão para apresentarem à turma.

#### 3. Desfecho da aula: 10 min

Para desfecho da aula, será feita uma reflexão final de todo o trabalho desenvolvido no decorrer dessa aula.

### Recursos:

Folhas de papel, lápis, computador, internet, coluna de som portátil, projetor;

### Avaliação:

Avaliação por observação e correção das letras dos alunos.

### Referências Biográficas:

[https://www.youtube.com/watch?v=CjxuqyZCfw&ab\\_channel=AtlanticRecords](https://www.youtube.com/watch?v=CjxuqyZCfw&ab_channel=AtlanticRecords)  
[https://www.youtube.com/watch?v=EjmHBCNRInw&ab\\_channel=MusicOfGlee](https://www.youtube.com/watch?v=EjmHBCNRInw&ab_channel=MusicOfGlee)  
[https://www.youtube.com/watch?v=DNfMs2ZWvzM&t=313s&ab\\_channel=Britain%27sGotTalent](https://www.youtube.com/watch?v=DNfMs2ZWvzM&t=313s&ab_channel=Britain%27sGotTalent)  
[https://www.youtube.com/watch?v=ChshzWNdots&ab\\_channel=AtlanticRecords](https://www.youtube.com/watch?v=ChshzWNdots&ab_channel=AtlanticRecords)  
<https://www.youtube.com/watch?v=Bz1LAj3kt6s>

**Observações:**

**Anexos:**

## EDUCAÇÃO MUSICAL

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO  
ANO 2021 / 2022

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 7

Data: 26 de abril de 2022

Hora: Das 10h20 às 11h50

Orientador Cooperante: [REDACTED] S

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

### Sumário:

Continuação das atividades das aulas anteriores: Legato e Stacato; Inclusão.

### Objetivo(s):

**Domínio de referência: Experimentação e Criação/Interpretação e Comunicação/ Apropriação e reflexão**

1. Construir exercícios onde aplicam o Stacatto e Legato;
2. Cantar e Tocar Instrumentos de Altura Definida;
3. Cantar e criar letras em grupo através de uma melodia pré-existente;
4. Refletir os conceitos abordados.

### Conteúdo(s):

Dinâmica:

- Legato e Stacato;

Forma:

- Forma AB e ABA;

### Procedimento(s):

#### 1. Atividade de Rotina: 40 min

Nesta primeira parte da aula o professor dará espaço aos alunos para apresentarem os exercícios que os mesmos desenvolveram no decorrer da aula anterior. Terminado este exercício em conjunto, farão uma reflexão sobre os conceitos trabalhados.

#### 2. Tarefa de aula: 40 min

Após o término da atividade de rotina o professor, irá apresentar dois vídeos que irão de encontro à temática da inclusão. Após isso e uma vez que os alunos já tiveram espaço para comentarem sobre esta temática numa das aulas anteriores, o professor dividirá os alunos por grupos e vai pedir aos mesmos que criem uma pequena melodia nos instrumentos de altura definida e desenvolvam uma letra cujo tema seja a inclusão para apresentarem à turma.

#### 3. Desfecho da aula: 10 min

Para desfecho da aula, e para dar continuidade ao que foi trabalhado na aula anteriormente, será escolhido um número de um aluno ao acaso, para que nos mostre uma música à sua escolha.

### Recursos:

Materiais: Folhas de papel, lápis, computador, internet, coluna de som portátil, projetor;

### Avaliação:

**Referências Biográficas:**

[https://www.youtube.com/watch?v=EjmHBCNRlnw&ab\\_channel=MusicOfGlee](https://www.youtube.com/watch?v=EjmHBCNRlnw&ab_channel=MusicOfGlee)  
[https://www.youtube.com/watch?v=ChshzWNdots&ab\\_channel=AtlanticRecords](https://www.youtube.com/watch?v=ChshzWNdots&ab_channel=AtlanticRecords)  
<https://www.youtube.com/watch?v=Bz1LAj3kt6s>

**Observações:**

**Anexos:**

## EDUCAÇÃO MUSICAL

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO  
ANO 2021 / 2022

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 8

Data: 10 de maio de 2022

Hora: Das 10h20 às 11h50

Orientador Cooperante: [REDACTED] S

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

### Sumário:

Continuação da atividade prática sobre inclusão.

### Objetivo(s):

**Domínio de referência: Experimentação e Criação/Interpretação e Comunicação/ Apropriação e reflexão**

1. Compor letras;
2. Acompanhar com a voz e com os instrumentos de altura definida um tema musical;
3. Desenvolver espírito crítico e reflexivo sobre uma temática atual;

### Conteúdo(s):

Forma:

- ABA e ABA;

### Procedimento(s):

#### 1. Atividade de Rotina: 40 min

Nesta primeira parte da aula, o docente pedirá aos alunos para mostrarem as frases que o mesmo tinha solicitado na aula anterior sobre o tema "Inclusão" para dar início à composição da letra que acompanhará o tema "This is Me". Após os alunos ditarem as suas frases que serão escritas no quadro, em conjunto faremos uma seleção e, em conjunto começaremos então por dar início à organização das mesmas.

#### 2. Tarefa de aula: 40 min

Após o término da atividade de rotina, e com a letra estruturada, iremos fazer diversos ensaios com o playlong do tema escolhido. Estes ensaios serão no início somente com a turma, contudo, após a autorização da escola, englobará também alguns alunos da turma de ensino especial da escola em questão. Após a letra estar bem consolidada pelos alunos, o professor irá mostrar uma pequena estrutura musical no quadro que conterá uma série de padrões melódicos para xilofone e que servirão de acompanhamento ao tema.

Serão 3 xilofones disponíveis cada um, para uma das partes da música (ABCBCAB). Para este efeito, serão escolhidos 3 alunos aleatórios que ficarão responsáveis por cada padrão.

#### 3. Desfecho da aula: 10 min

Para desfecho da aula, em conjunto com os alunos faremos uma reflexão sobre todo o trabalho desenvolvido durante a aula.

### Recursos:

Materiais: Folhas de papel, lápis, computador, internet, coluna de som portátil, projetor, xilofones;

### Avaliação:

**Referências Biográficas:**

[https://www.youtube.com/watch?v=ChshzWNdots&ab\\_channel=AtlanticRecords](https://www.youtube.com/watch?v=ChshzWNdots&ab_channel=AtlanticRecords)

**Observações:**

Devido à falta de tempo, não foi possível cumprir com certos pontos presentes na planificação. Posto isto, a atividade teve de ser encurtada e não foi possível incluir os xilofones na construção do tema.

**Anexos:**

The image shows a musical score for a 4/4 piece in D major (one sharp). The score is written on a single staff with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The tempo is marked with a '4' over the staff. The piece is divided into three sections labeled A, B, and C. Section A consists of two measures: a quarter note D4 followed by a quarter note G4. Section B consists of two measures: a quarter note D4 followed by a quarter note G4. Section C consists of two measures: a quarter note D4 followed by a quarter note G4. The score ends with a double bar line and repeat dots.

## EDUCAÇÃO MUSICAL

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO  
ANO 2021 / 2022

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 8

Data: 14 de junho de 2022

Hora: Das 10h20 às 11h50

Orientador Cooperante: [REDACTED] S

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

### Sumário:

Conclusão da atividade sobre inclusão.

### Objetivo(s):

**Domínio de referência: Experimentação e Criação/Interpretação e Comunicação/ Apropriação e reflexão**

1. Criar ambientes propícios ao respeito pela diferença e pelo outro;
2. Promover o trabalho em pequeno e grande grupo onde, a inclusão da opinião dos pares tem a finalidade de despontar saberes;
3. Apresentar publicamente atividades musicais distintas;
4. Promover situações que estimulem a imaginação, a criação, a expressão e a comunicação;

### Conteúdo(s):

Forma:

- ABA e ABA;

### Procedimento(s):

#### 1. Atividade de Rotina: 20 min

Nesta primeira parte da aula, o docente juntamente com os alunos, farão um ensaio geral antes da chegada dos alunos com Necessidades Educativas Especiais.

#### 2. Tarefa de aula: 40 min

Quando os alunos com Necessidades Educativas chegarem, o professor pedirá à turma para se apresentar e explicar a atividade para os convidados. Após um momento de conversa mútua, passaremos então à apresentação do tema desenvolvido. Após a apresentação, e como desfecho da atividade abriremos um momento de questões que os convidados queiram colocar.

Quando os convidados saírem, faremos um momento de reflexão e debate conjunto sobre todo o trabalho desenvolvido no decorrer da atividade

#### 3. Desfecho da aula: 30 min

Esta parte da aula e visto ser a última aula do ano, faremos a autoavaliação e se restar algum tempo, terminaremos a atividade onde os alunos podem colocar uma música à sua escolha.

### Recursos:

Materiais: Folhas de papel, lápis, computador, internet, coluna de som portátil, projetor;

### Avaliação:

**Referências Biográficas:**

**Observações:**

**Anexos:**

## **Anexo 6:**

### **Respeito por um, respeito por todos**

São as diferenças que nos tornam iguais  
Todas as deficiências são aceitáveis e podem ser superadas

A inclusão é o ato d'acrescentar  
A inclusão acontece, quando se aprende com as diferenças

Mas! Nós não iremos vacilar  
Eu sei que existe um espaço p'ra nós  
Onde podemos brilhar

Acredito em mim, sou feliz assim  
Não vou parar até os meus medos enfrentar

Eu e tu, Tu e eu  
Nós aqui, Para ti  
Somos nós  
Estamos aqui para lutar  
E ninguém nos vai conseguir parar

Eu e tu, Tu e eu  
Nós aqui, Para ti  
Somos nós  
(Oh-oh-oh-oh  
Oh-oh-oh-oh  
Oh-oh-oh-oh

Oh-oh-oh-oh  
Oh-oh-oh, oh-oh-oh, oh-oh-oh, oh, oh)

Vinde todos para nos ajudar  
E na nossa missão, nós queremos que nos venham apoiar  
Nós vamos ultrapassar as barreiras para o sucesso alcançar

(somos pessoas)

Sim, é assim que nós somos

Mas! Nós não iremos vacilar

Eu sei que existe um espaço p'ra nós

Onde podemos brilhar

Acredito em mim, sou feliz assim (eh eh eh)

Não vou parar até os meus medos enfrentar (eh eh eh)

Eu e tu, Tu e eu

Nós aqui, Para ti

Somos nós

Estamos aqui para lutar (eh eh eh)

E ninguém nos vai conseguir parar

Eu e tu, Tu e eu

Nós aqui, Para ti

Somos nós

(Oh-oh-oh-oh

Oh-oh-oh-oh

Oh-oh-oh-oh

Oh-oh-oh-oh

Oh-oh-oh, oh-oh-oh, oh-oh-oh, oh, oh)

(Somos nós)

Eu mereço a vossa atenção  
Somos dignos do vosso respeito

Acredito em mim, sou feliz assim  
Não vou parar até os meus medos enfrentar

Eu e tu, Tu e eu

Nós aqui, Para ti

Somos nós

Acredito em mim, sou feliz assim  
Não vou parar até os meus medos enfrentar

Eu e tu, Tu e eu

Nós aqui, Para ti

Somos nós

Estamos aqui para lutar  
E ninguém nos vai conseguir parar  
(Oh-oh-oh-oh  
Oh-oh-oh-oh  
Oh-oh-oh-oh  
Oh-oh-oh-oh  
Oh-oh-oh, oh-oh-oh, oh-oh-oh, oh, oh)

**SOMOS NÓS**